

Abril a Junho de 1910

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Dr. Antonio dos Santos Rocha

No dia 28 de março deste anno de 1910 falleceu na Figueira da Foz, inesperada e repentinamente, quando ainda estava na força da vida, e na pujança do seu talento e amor do trabalho, o illustre homem de sciencia e digno socio honorario da Real Associação dos Archeologos Portuguezes, o Dr. Antonio dos Santos Rocha.

Espirito altamente esclarecido, trabalhador infatigavel, caracter inquebrantavel e austero, mas ao mesmo tempo coração bondoso e amavel, era o Dr. Antonio dos Santos Rocha estimado e respeitado por todos que conheciam as suas nobilissimas qualidades como jurisconsulto eminente, como homem de sciencia illustre, como profissional modelar, e como amigo dedicado.

Ligado de verdes annos com a familia de Antonio dos Santos Rocha, conheci-o desde creança e acompanhei-o de perto, desde que, na sua gloriosa e util vida, começou nas escolas a colher louros pelas provas do seu talento e applicação, até que entrou na brilhante carreira em que prestou assignalados serviços no fôro e na administração municipal da sua terra, e em que, pela sua intelligencia, zelo e estudo, se criou um nome illustre de homem de sciencia como archeologo.

Os seus trabalhos sobre assumptos archeologicos, dando á publicidade os resultados das suas explorações e descobertas, gran-

gearam-lhe logo a estima e consideração de todos os estudiosos, e das sociedades e associações que se occupavam daquelle genero de estudos, e que devidamente apreciavam a dedicação e enthusiasmo com que a elles se dedicava, e o criterio e a consciencia e exacção com que sujeitava á discussão e aprovação dos homens da sciencia os resultados que obtinha e as conclusões a que chegava.

Por isso, quando a noticia do seu inesperado fallecimento se espalhou pelo paiz, todas as sociedades e associações scientificas, todos os jornaes do paiz e muitos do estrangeiro, todos os sabios e estudiosos perante quem Antonio dos Santos Rocha gosava da consideração e estima a que o seu merito dava direito, e perante quem era uma verdadeira auctoridade, todos honraram a sua memoria, todos tiveram sentidas expressões de saudade e de magua pelo fallecimento daquelle que deixava um nome illustre no paiz e fóra d'elle. A Real Associação dos Archeologos Portuguezes na sua sessão da Assembléa Geral de 16 de abril ultimo commemorou em justas e breves palavras a perda que acabava de soffrer a sciencia e o paiz. Não tendo, porem, podido dar então uma resumida noticia biographica do fallecido, venho hoje nas paginas do seu Boletim desempenhar-me desse dever, como consociô do illustre extincto, como seu admirador e como seu velho amigo.

Não é um elogio historico que vou escrever; não é uma biographia completa que vou apresentar; é um simples esboço biographico, no qual, como homenagem á sua memoria e tributo de respeito e de consideração, direi quanto baste para dar ideia do merito do homem, dos serviços que prestou, e da grandeza da sua falta.

Antonio dos Santos Rocha nasceu na antiga Villa da Figueira da Foz, hoje formosa e florescente cidade, aos 30 de abril de 1853, e falleceu na mesma cidade aos 28 de março de 1910. Contava, pois, 57 annos menos 33 dias.

Oriundo e ligado com familias da localidade, que haviam adquirido nome honrado e respeitado pelo seu trabalho, quer no commercio, quer na perigosa carreira da marinha mercante, fora desde criança Antonio dos Santos Rocha criado com os exemplos de trabalho honesto e util, e embalado com os principios e maximas da probidade e do cumprimento do dever.

Em 1864 foi entregar-se aos estudos preparatórios, para a matricula na Universidade de Coimbra, no collegio de S. Bento, onde pelo seu talento e applicação mereceu de um antigo professor um attestado de que em 20 annos de ensino, que contava, não tivera jamais um alumno tão distincto e applicado como aquelle.

Matriculando-se na Universidade na Faculdade de Direito no anno lectivo de 1870-71, fez um curso distincto, concluindo formatura no anno 1874-75, e tendo obtido *accessits* e distincções, e a fama de um dos estudantes mais applicado do seu curso, e da mais solida instrucção.

Concluida a formatura, veio o novo Doutor praticar em Lisboa, no escriptorio do advogado Dr. José Adolpho Tröny, um dos mais notaveis causidicos e da maior argucia e fino espirito, que tem illustrado o fôro portuguez.

Em 1876 abriu banca de advogado na comarca da Figueira, exercendo essa nobre profissão, com brilho e gloria, até a morte o arrebatou, e pela solitudine e saber com que tratava qualquer causa, de que sómente se encarregava quando a julgava justa, era muito considerado e estimado.

Em 1877 foi eleito vereador municipal, tendo sido escolhido para presidente da camara no biennio de 1878-79, continuando no mesmo cargo nos annos de 1878 a 1880. Foi notavel a actividade que demonstrou na administração do municipio, e o zelo e firmeza com que pôz em ordem as finanças e deu desenvolvimento ás obras municipaes. A sua administração foi, pois, considerada como modelar e farta de benefícios para o municipio, mantendo-se sempre inflexivel nos seus principios de rectidão e de justiça. Todavia essa ultima camara foi dissolvida, o que lhe causou um profundo desgosto, resolvendo conservar-se para o futuro affastado completamente das lides camararias, e entregando-se só aos seus estudos e trabalhos profissionaes. Comtudo, em 1901, para satisfazer ás instancias dos seus amigos e conterraneos, e para vêr se poderia acudir á situação angustiosa a que o municipio havia chegado, resolveu-se a acceitar a eleição e a reassumir a presidencia da camara em 1902, 1903 e 1904.

A sua longa experiencia, a pratica da administração, a rigidez do seu character, e o seu infatigavel trabalho, poderam restabelecer a ordem e a prosperidade nos negocios camararios, resultando

para o municipio numerosos beneficios, tanto das posturas e regulamentos que estabeleceu, como dos contractos que realizou, das obras que levou a effeito, e de muitos outros serviços que deixaram bem demonstrada a sua competencia, imparcialidade e exacto cumprimento da lei e do dever.

Em 1889, 1890 e 1891, fez tambem parte da Associação Commercial da Figueira, primeiro como secretario e depois como presidente daquella prestimosa associação. Já antes disso, em 1878, 1879, 1880 e 1881, havia desempenhado o cargo de Provedor da Santa Casa da Misericordia, sendo tão distincta a sua administração daquella pia e benefica instituição, que lhe valeu mais tarde o diploma de Provedor Honorario, com que quizeram galardoar os bons serviços que havia prestado.

Em 1881 principiou o Dr. Antonio dos Santos Rocha a dedicar-se ao estudo da archeologia prehistorica, cabendo-lhe a gloria de haver revelado o factó, até então ignorado, de que a Figueira e os seus arredores haviam sido importante centro de população em eras remotas, fazendo remontar a sua antiguidade ás epochas prehistoricas. Percorrendo e explorando todas as circumvisinhanças da Figueira, valle do Mondego e costa maritima, fôram numerosas as estações prehistoricas e monumentos megalithicos que descobriu, bem como as importantes necropoles e estações romanas e pre-romanas, que poz a descoberto, e que lhe deram a justa fama de distincto archeologó. Quando dava principio a essas investigações, explorando uma parte da serra de Brenha, tive a honra de, com o illustre e sabio geologo Nery Delgado, cuja perda a sciencia ainda deplora, e com o illustre botanico, Director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, o Dr. Julio Henriques, acompanha-lo áquella estação prehistorica, onde o novel archeologo nos deu conta dos seus trabalhos de investigação, em que nos foi grato reconhecer as precauções e cuidados com que havia apprehendido a sua exploração, e com o escrupulo, o espirito scientifico e o criterio que são indispensaveis para trabalhos daquella ordem. Por isso elles foram coroados do melhor exito, sendo fundadas nas mais meticulosas observações e nos variados objectos encontrados as conclusões a que o illustre explorador foi conduzido, e que constam de interessantes relatorios, memorias e noticias por elle publicados.

Dessas explorações poude o Dr. Antonio dos Santos Rocha colligir uma rica collecção de objectos prehistoricos, armas de pedra, objectos de ceramica, ossos e amostras dos productos da industria rudimentar daquellas edades, de que fez presente ao Instituto de Coimbra e que ornam o seu museu.

Não se contentou, porem, o Dr. Antonio dos Santos Rocha com as explorações daquella região, e pouco a pouco as foi estendendo á restante parte do paiz até o Algarve, tudo á sua custa e com o maior enthusiasmo.

Em 1883 criou o Museu Municipal da Figueira, a que se deu o nome de Museu Santos Rocha, em justa homenagem ao seu fundador. Esse Museu, archeologico, ethnographico, historico, artistico e industrial, está installado no palacio municipal da Figueira, onde é visitado com admiração por nacionaes e estrangeiros, que louvam a iniciativa daquella feliz instituição.

Criou tambem a Sociedade Archeologica Santos Rocha, com a qual desenvolveu o gosto por aquelles estudos. Esta sociedade celebra todos os annos uma sessão plenaria, onde se fazem communicações interessantes, que são registadas no seu Boletim annual, repositorio de variadas e interessantes noticias archeologicas e ethnographicas, e que já conta 10 annos.

Para dar pasto á sua imaginação e colher instrucção, viajou pela Hespanha, França e Italia, estudando a organização de estabelecimentos similares, de que fez proveitoso uso para o seu Museu da Figueira, e criação da Sociedade Archeologica que estabeleceu com o maior patriotismo, correndo por sua conta todas as explorações que fez no paiz para colher reliquias dos diversos povos que habitaram a Peninsula, desde as epochas geologicas remotas até nossos dias. As suas numerosas publicações profissionaes, litterarias e scientificas, formam uma importante collecção, de que vou apresentar a resenha, muitas das quaes possuo e aprecio, devendo a indicação de outras ao Dr. Joaquim Jardim, a quem dou aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Essa rapida resenha bibliographica é a que se segue :

Questões de jurisprudencia, direito fiscal, autos civeis, etc.

A decima de juros. -- Estudo pratico das leis que regem este

imposto, com a indicação e analyse critica das decisões dos tribunaes e do ministerio da fazenda, com um formulario de reclamações, recursos e todos os mais actos dos processos do manifesto, e do lançamento. Vol. de 404 pag. Coimbra. Imp. da Universidade, 1873.

Comarca da Figueira da Foz. — Acção civil. — Contestação á acção proposta neste juizo, em que é auctor J. J. da Costa desta villa e reus M. Germano de Barros das Regalheiras de Lavos, e o Dr. João Antunes Pereira das Neves e sua esposa, residentes nesta villa. Figueira da Foz, Typ. de Julio d'Oliveira, 1878. Opusculo de 41 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — Embargos de terceiro. — Embargante o viscondé da Bahia; embargada a Fazenda Nacional. Coimbra. Imp. Academica, 1887. Opusculo de 48 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — Aggravo de injusta pronuncia. — Aggravante D. J. de Menezes; aggravado o Ministerio Publico. Coimbra. Imp. Academica, 1885. Opusculo de 22 pag.

Questão d'aguas. — Allegação juridica da Sociedade Anonyma The Anglo Portuguese Gaz and Water Company Limited na causa em que são auctores Antonio de Lemos e outros, e reus a mesma Sociedade anonyma e outros. Figueira. Casa Minerva, 1881. Opusculo de 47 pag.

Questão Commercial. — Contra-minuta de appellação do Comendador Matheus Antonio Pires na causa em que é appellante Angelica Curado, do Casal da Fonte. Figueira. Casa Minerva. 1881. Opusculo de 27 pag.

Questão d'aguas. — Contra-minuta de appellação offerecida por parte da Sociedade anonyma The Anglo-Portuguese Gaz and Water Company Limited na causa em que são auctores e appellantes Antonio de Lemos e outros. Figueira. Casa Minerva, 1891. Opusculo de 35 pag.

Comarca de Montemór-o-Velho. — A questão do Taipal, ou os tributos foraleiros das terras reguengueiras de Montemór-o-Velho, disfarçados em quinhões. Articulados, allegações dos reus Dr. J. Augusto d'Almeida Ferreira Galvão e sua esposa, e sentença na causa em que é auctora D. Josephina Clarisse d'Oliveira, de Lisboa. Figueira da Foz. Imp. Lusitana, 1892. Opusculo de 48 pag.

Direito Commercial. — Minuta d'appellação do Dr. Julio

Cesar d'Almeida Rainha, no processo de homologação de concordata do mercador Gerardo Roque. Figueira. Minerva Lusitana, 1894. Opusculo de 10 pag.

As obras d'abastecimento d'aguas na Figueira. — *Reclamações* da sociedade concessionaria The Anglo-Portuguese Gaz and Water Company Limited. Figueira da Foz. Imprensa Lusitana, 1895. Opusculo de 13 pag.

Investigações de paternidade illegitima. — *A questão Rainha.* — Defeza do reu Antonio Cesar d'Almeida Rainha, menor pubere, representado por sua mãe Maria da Guia Evaristo. Figueira. Imp. Lusitana, 1897. Opusculo de 80 pag.

Questão do sello. — *Minuta d'aggravado.* — Aggravante John H. Smart, gerente da Fabrica do Gaz da Figueira; aggravado o Ministerio Publico. Figueira. Imp. Lusitana, 1899. Opusculo de 6 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — *Minuta d'aggravado.* — Aggravante a Sociedade anonyma The Anglo-Portuguese Gaz and Water Company Limited; aggravada D. Maria Augusta Pestana de Lemos e outros. Figueira. Imp. Lusitana, 1900. Opusculo de 8 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — *A questão do compascuo nos campos adjacentes ao Rio do Pranto.* — Allegação final de José Gonçalves Santiago e esposa, D. Emilia Pereira Santiago, na causa que movem a Manuel Secco Thomé e mulher, do Bizzorreiro de Castella. Figueira. Imp. Lusitana, 1906. Opusculo de 32 pag.

Investigação de paternidade illegitima. — *A questão Rainha.* — Sentença da 1.^a Instancia e minuta dos reus appellados. Figueira. Imp. Lusitana. Opusculo de 23 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — *A questão do compascuo nos campos adjacentes ao Rio do Pranto.* — Sentença final e minuta dos appellados José Gonçalves Santiago e esposa D. Emilia Pereira Santiago. Figueira. Imp. Lusitana, 1908. Opusculo de 33 pag.

Comarca da Figueira da Foz. — *Questão d'aguas.* — Auctor Amadeu Alves Borges, reus Henrique Augusto d'Oliveira e outros. Allegação final do A. Figueira da Foz. Imp. Lusitana, 1908. Opusculo de 23 pag.

Questão sobre prazos de vidas, de acções e outras. — *Allegação do Conde de Figueiró*, curador dos interdictos Condes de

Santar no Inventario do Visconde de Taveiro. Lisboa. Imp. Lusitana, 1908. Opusculo de 13 pag.

Questão de calculo de terça disponivel. — Aggravo civil. — Aggravante o Conde de Figueiró, como curador dos interdictos Condes de Santar. Aggravados D. Maria Eduarda de Mello Tudella, e marido e outros. Figueira. Imp. Lusitana, 1908. Opusculo de 6 pag.

Questão de registro vincular. — Contra-minuta de aggravamento civil. — Aggravado o Conde de Figueiró, como curador dos interdictos condes de Santar; agravantes D. Maria Eduarda de Mello Sousa Tudella e marido. Figueira. Imp. Lusitana, 1908. Opusculo de 5 pag.

Sciencias e lettras

Cartas da Andaluzia. Coimbra. Imp. da Universidade, 1886, vol. de 166 pag.

Historia, topographia e ethnographia. Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII. Figueira. Casa Minerva, 1893, vol. de 272 pag.

Paleonthologia e Archeologia historica. Memorias sobre a antiguidade. Figueira. Imp. Lusitana, 1897, vol. de 268 pag.

Antiguidades prehistoricas do Concelho da Figueira. Memoria offerecida ao Instituto de Coimbra.

1.^a Parte. — Monumentos funerarios das visinhanças de Brenha; Machados e outros instrumentos de pedra das cercanias de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontella. Coimbra. Imp. da Universidade, 1888, vol. de 47 pag. illustrado.

2.^a Parte. — Ruinas do Porto Sabroso; Sepulturas da Asseiceira; Estações humanas da Varzea do Lirio; Instrumentos de pedra da Cumieira, Outeiro Lima e da Freguezia do Paião. Coimbra. Imp. da Universidade, vol. de 90 pag. illustrado.

3.^a Parte. — Megalitho do Cabeço dos Moinhos; Dito da Mama de Fuso; Dito e tumulos de Santo Amaro da Serra; Estação humana da Junqueira; Pedreiras da Malheira e da Ferrugenta; Ditas da Figueira e da Fontella; Objectos encontrados nas cercanias de Brenha e da Varzea do Lirio, no Camarido, Quinta das Pitanças e Arieiros. Coimbra. Imp. da Universidade; de 132 pag. illustrado.

4.^a Parte. — Megalithos da Capella; Ditos do Feital; Ditos do Cabeço da Mammeinha; Ditos dos Covões das Cavadas; Ditos da Corredoura; Ditos do Praso; Ditos da Estrumeira; Ditos do Casal da Serra das Alhadas; Ditos das Cabecinhas; Ditos da Cabecinha Grande; Ditos do Faxo; Estações humanas do Arneiro; Mobiliario colligido na estação da Varzea do Lirio, Junqueira e Cubello; Objectos dispersos nas cercanias de Buarcos; Objectos provenientes das visinhanças de Quiaios; Mobiliario recolhido em Brenha e seus arredores; Artefactos dispersos na serra de S. Bento; Objectos recolhidos em Caceira; Objectos provenientes da Quinta das Pitanças e do Arneiro de Sazes da Freguezia das Alhadas; Objectos provenientes da Freguezia de Ferreira; Rebotalhos da officina da Charneca dos cabreiros na Freguezia de Paião. Pedreira de silex do Casal Verde na mesma freguezia. Coimbra. Imp. da Universidade, vol. de 274 pag. illustrado.

Comunicações apresentadas á Sociedade

Archeologica da Figueira da Foz

1.^a — Sessão de 19 de março de 1898. — As Arcainhas do Seixo e do Sobredo; Mobiliario neolithico disperso no valle inferior do Mondego e immediações, a E. do Concelho da Figueira: Primeiras investigações da epocha do cobre nas cercanias da Figueira: Vestigio da epocha do bronze em Alvaiazere; Estação lusoromana da Caverna do Bacelinho na serra de Alvaiazere; Novos vestigios romanos no valle inferior do Mondego e immediações. Opusculo de 16 pag. in 4.^o Extracto do *Portugalia*, com collaboração em artigos especiaes de Goltz de Carvalho, Pedro Fernandes Thomaz, Francisco Loureiro e Alberto Silva. Porto. Imp. Moderna, 1899.

2.^a — Sessão de 24 d'outubro de 1898. — A caverna dos Alqueves. — Estações neolithicas da Ereiar; Novo vestigio da epocha do cobre nas visinhanças da Figueira; Primeiras epochas dos metaes; Estação romana de Formozelha. Opusculo em 4.^o de 28 pag.; Extracto do *Portugalia*, com collaboração de Ricardo Severo, Ferreira Cardoso, Francisco Loureiro, Goltz de Carvalho, Pedro Fernandes Thomaz e João dos Santos Pereira Jardim. Porto. Imp. Moderna, 1900.

3.^a — Sessão de 9 de abril de 1899. — Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria; Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira; Estação luso-romana da Pedrulha; Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha; Necropole luso-romana da Senhora do Desterro em Montemor-o-Velho; Lápide sepulchral da Zalameira de la Serena. Opusculo em 4.^o de 16 pag. Extracto do *Portugalia*, com collaboração em artigos especiaes de Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, Pedro Belchior da Cruz, Pedro Fernandes Thomaz e Goltz de Carvalho. Porto. Imp. Moderna, 1901.

4.^a — Sessão de 7 de janeiro de 1900. — Mobiliario neolithico disperso no Concelho de Nellas; Ruinas romanas d'Ançã; A necropole luso-romana nos arredores de Lagos. Opusculo em 4.^o de 20 pag. Extracto do *Portugalia*, com collaboração em artigos especiaes de José Jardim, Pedro Belchior da Cruz, José Joaquim Nunes, Goltz de Carvalho, Francisco Loureiro, Pedro Fernandes Thomaz e João Jardim. Porto. Imp. Moderna, 1902.

Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha

5.^a Sessão — N.^o 1. — Necropole neolithica da Moita no Concelho de Cantanhede; Materiaes para o estudo da idade do bronze em Portugal; Estação luso-romana da Pedrulha; Noticias de alguns cilos e louças arabes no Algarve. Opusculo de 32 pag. com collaboração em artigos especiaes de Belchior da Cruz, Francisco Gil, Francisco Loureiro e Pedro Fernandes Thomaz. Figueira. Imp. Lusitana, 1904.

6.^a Sessão — N.^o 2. — Relatorio da gerencia de 1900-1901; Dolmens de Alcalar; Materiaes para o estudo da epocha do cobre em Portugal; Estudo sobre um artefacto pre-romano de ouro descoberto no Algarve. Opusculo de 72 pag. illustrado, com collaboração em artigos especiaes de Belchior da Cruz e Francisco Loureiro. Figueira. Imp. Lusitana, 1904.

7.^a Sessão — N.^o 3. — Relatorio da gerencia de 1901-1902; Estação neolithica de Santa Olaya; Velho Bronze dos arredores de Brenha; A necropole da Moirama nas visinhanças de Celorico. Necropole luso-romana de Molião. Opusculo em 4.^o de 169 pag., illustrado, com collaboração em artigos especiaes de Frederico No-

gueira de Carvalho, Belchior da Cruz, Goltz de Carvalho e Carlos Borges. Figueira. Imp. Lusitana, 1906.

8.^a Sessão — N.º 4. — Relatorio da gerencia de 1902-1903; As grutas da Columbeira; Restos de dolmens em Santa Olaya; Material para o estudo da idade do cobre em Portugal; Pequenos moinhos circulares de pedra nas estações pre-romanas no Valle do Mondego. Opusculo em 4.º de 140 pag. com collaboração em artigos especiaes de Francisco Loureiro, Carlos Borges e Pedro Fernandes Thomaz. Figueira. Imp. Lusitana, 1907.

9.^a Sessão — N.º 5. — Relatorio da gerencia de 1903-1904; A caverna da Fornea; Material para o estudo da idade do Cobre. Opusculo em 4.º até 166 pag. com collaboração em artigos especiaes de Arthur Henriques, Franco y Lozano, Manuel José de Sousa e Pedro Fernandes Thomaz. Figueira Imp. Lusitana, 1907.

10.^a Sessão — N.º 6. — Duas peças neolithicas de Cortiçô, Concelho de Celorico; Placas de suspensão neolithicas; Artefactos encontrados no Algarve. Opusculo em 4.º de 189 pag. com artigos especiaes de Goltz de Carvalho, Pedro Fernandes Thomaz e Carlos Borges. Figueira. Imp. Lusitana, 1908.

11.^a Sessão — N.º 7 — Relatorio da gerencia de 1904-1906; Silo prehistorico da Redinha; O Tumulus do monte de Farrestello; Alguns objectos luso-romanos das visinas de Conimbriga. Opusculo em 4.º de 212 pag. com artigos especiaes de Pedro Fernandes Thomaz e Cardoso Martha. Figueira. Imp. Lusitana, 1908.

12.^a Sessão — N.º 8 — Mobiliario neolithico esparso na Freguezia da Redinha, concelho de Pombal; Ara romana da Povia da Atalaya; Logar luso-romano do Vidigal; Necropole wisigothica do serro do Algarve; Cemiterio do seculo XV em Lirio; Opusculo em 4.º de 232 pag. com artigo especial de Pedro Fernandes Thomaz. Figueira. Imp. Lusitana, 1908.

13.^a Sessão — N.º 9. — Relatorio da gerencia de 1906-1908; Nova estação pre-romana da idade do ferro nas visinhanças da Figueira; O Castro do Bizzorreiro de Castella; Estação luso-romana da Roda; Nota sobre um artefacto mediaval. Opusculo em 4.º de 264 pag. com artigos especiaes de Withnich Carisso, Pedro Feanandes Thomaz, Augusto Pinto e Alberto Diniz da Fonseca. Figueira. Imp. Lusitana, 1909.

14.^a Sessão — N.º 10. — Pedras lascadas da serra de Benso;

O dolmen do Casal do Matto, com collaboração de Withnich Carrisso; Vestigios neolithicas na foz do Arelho; Nota sobre alguns objectos neolithicos recentemente archivados no Museu da Figueira; Ara luso-romana consagrada ao Deus Arencio. Opusculo de pag. 290, completando o tomo I do Boletim. Figueira. Imp. Lusitana, 1909.

Revista das sciencias naturaes e sociaes Nesta publicação periodica encontram-se as seguintes memorias e noticias de Santos Rocha.

A questão da anthropologia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego. 1.º vol. n.º 1, 1889.

Uma obra d'arte primitiva. 1.º vol. n.º 4, 1890.

Megalitho da Mama do Ferro, 2.º vol. n.º 6, 1891.

Pequenas achas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira, 2.º vol. n.º 7, 1892.

A profanação das antas na epocha romana, 3.º vol. n.º 9, 1894.

A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira, 4.º vol. n.º 13, 1896.

A necropole pre-historica da campina nas visinhanças de Faro, 4.º vol. n.º 14, 1896.

A necropole proto-historica da Fonte Velha de Benaferin, 5.º vol. n.º 15, 1896.

O rito das inhumações nos dolmens da serra do Cabo Mondego, 5.º vol. n.º 16, 1897.

Alguns vestigios da epocha do cobre, colligidos no Museu Municipal da Figueira, 5.º vol. n.º 16, 1897.

O Museu Municipal da Figueira da Foz.

Catalogo geral com indicação dos escriptos e desenhos que se tem publicado sobre muitos objectos catalogados. Compreendendo:

Noticias historicas do Museu, Regulamentos, Licções pre-historicas, idade da pedra, idade do cobre, idade do bronze; Sala das comparações, secções de proto-historia e de archeologia historica, e sub-secções luso-romana e da idade media até os tempos modernos. Figueira. Imp. Lusitana, 1905, vol. de 207 pag.

1.º additamento ao catalogo, 1906-1907. Opusculo de 14 pag.

2.º additamento, 1909. Opusculo de 20 pag.

Estações pre-romanas da idade do ferro nas visinhanças da Figueira.

Separata do tomo II, fasc. 3.^o e 4.^o do *Portugalia*, vol. em 4.^o de 86 pag., muito illustrado. Porto. Imp. Portugueza, 1908. Comprehende:

- 1.^a Parte — Santa Olaya.
- 2.^a » — O Crasto.
- 3.^a » — Chões e pardinheiros.

Archeologia pre-historica. Materiaes para o estudo da idade do cobre em Portugal. Vol. com numerosas estampas. Prompto para ir para a imprensa quando falleceu o auctor. Vae ser publicado.

O Archeologo Portuguez. Foi tambem collaborador deste interessante jornal, podendo citar-se os seguintes estudos:

Noticias de algumas estações romanas e arabes no Algarve, vol. I, n.^{os} 5, 8, 11 e 12 e vol. III n.^o 3.

Elementos para o estudo de alguns objectos recolhidos no Castro de S. Miguel, vol. I, n.^o 10.

Estudo d'um machado de pedra do Algarve. vol. II, n.^{os} 4 e 5.

Vestigios romanos no valle do Mondego e immediações, vol. II, n.^{os} 6 e 7.

Lanças pintadas no Castro de Santa Olaya, vol. II, n.^{os} 10 e 11.

Antiguidades romanas das visinhanças de Nellas, vol. II, n.^o

Archeologia do Monte Amarello, vol. III, n.^o 12.

O cemiterio da igreja velha d'Alvaiazere, vol. IV, n.^{os} 1 a 6.

Agoiva de pedra nas estações neolithicas das cercanias da Figueira, vol. V, n.^o 7.

Sepulturas abertas em rocha viva, vol. VI, n.^o 3.

Phases do neolithico em Portugal, vol. XIII, n.^{os} 7 a 12.

Thesouro funerario da Lameira Larga. Epocha luso-romana, vol. XIV, n.^{os} 1 a 6.

Alem de todas estas publicações, a que seria mister juntar outras que teriam visto a luz da publicidade em diversos jornaes periodicos, mas de que não tenho conhecimento, ha a acrescentar os manuscriptos que me consta ter deixado, e que dão prova do estudo e applicação do illustre fallecido, a saber:

Notas sobre o Codigo do Processo Civil. Estão cumpiladas e passadas a limpo até o artigo 481, havendo notas avulsas para os restantes :

Notas sobre o Codigo Civil. Dois grandes volumes, compreendendo todo o codigo.

Apontamentos sobre Direito Commercial. Refere-se a todo o codigo Commercial de Ferreira Borges.

Outras notas sobre o codigo Commercial vigente, de 1886, exaradas no proprio exemplar do codigo e em folhas annexas.

Notas ao codigo do Processo Criminal, exaradas no proprio exemplar do codigo, e em folhas annexas.

Livro de apontamentos sobre Direito Municipal, em 1878.

Direito Maritimo. Manual do processo commercial maritimo. Parte 1.^a — Dos protestos maritimos.

Tal é, resumidamente, a obra litteraria de Antonio dos Santos Rocha. Quanto não havia direito a esperar da actividade, do amor do trabalho, da grande intelligencia e dos variados conhecimentos do infatigavel homem de sciencia, se a morte o não viesse roubar ao seu paiz, e aos seus amigos e admiradores, ainda no vigor da vida?... Foi, por isto, a sua morte uma verdadeira perda nacional.

Tudo nelle concorria — a applicação, a intelligencia, o character elevado e nobre, a rigidez de principios, o culto do dever, e a bondade do coração. Por isso todos que tiveram occasião de o avaliar, quer na vida publica, quer na particular, eram seus admiradores e seus dedicados amigos.

Era socio correspondente do Instituto de Coimbra, membro da sociedade Carlos Ribeiro, da Propaganda de sciencias Naturaes e Sociaes, socio honorario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, delegado da commissão dos Monumentos Nacionaes, commendador de S. Thiago, etc.

Que sejam os singelos apontamentos, que deixo expostos, o modesto tributo da admiração e estima que lhe dediquei em vida, e da minha consideração e respeito pela sua memoria.

Lisboa, 1910

ADOLPHO LOUREIRO.

Arte portuguesa primitiva

O pintor Nuno Gonçalves e os painéis de S. Vicente

Numa das salas da Academia de Bellas-Artes foi inaugurada no dia 6 de maio ¹ a exposição de uma notabilissima obra de Nuno Gonçalves, pintor de D. Affonso v: — os painéis que se sabia, por mais de uma referencia, ter esse artista pintado para o altar de S. Vicente, da Sé de Lisboa, e que, mercê de perseverantes e bem orientadas investigações de um distinctissimo critico de arte, o sr. dr. José de Figueiredo, estão hoje irrefutavelmente identificados com os preciosos quadros do seculo xv, que pertencem á mitra patriarchal e que são conhecidos, entre os artistas e escriptores de arte, depois do estudo que sobre elles publicou, em 1895, outro critico illustre, o sr. Joaquim de Vasconcellos, pela designação de *serie de S. Vicente*.

Por iniciativa do sr. dr. José de Figueiredo, foram esses quadros, não diremos *restaurados* (porque o não foram, nem deveriam ser, no sentido em que esta palavra é, em geral, tomada), mas restituidos ao seu estado primitivo, pelo distincto professor da Escola de Bellas-Artes, Luciano Freire, cuja altissima competencia, nessa difficil especialidade, fôra já, por mais de uma vez, brilhantemente evidenciada, como, no Museu Nacional, o reconheceram e affirmaram auctorizados profissionaes estrangeiros, e tem agora, nesta verdadeira revelação da magistral e surprehendente obra de Nuno Gonçalves, a sua definitiva consagração.

E' justo accrescentar que a este patriotico empreendimento se associou, generosamente, o sr. Conde dos Oliveaes e de Penha Longa, concorrendo para algumas das despezas que era necessario realizar, sem embargo do absoluto desinteresse com que o sr. Luciano Freire tomou conta do seu melindroso papel. O esclarecido titular, a quem a arte nacional devia já tão assignalados serviços, que a nossa Academia de Bellas Artes considerou de inilludível

¹ De 1910.

justiça conferir-lhe o diploma de socio honorario, conquistou assim mais um titulo ao apreço e ao reconhecimento de quantos,— bem poucos, ainda! — se empenham, com perseverança e ardor, na cruzada benemerita que tem por objectivo assegurar a conservação e promover o estudo do nosso já sensivelmente depreciado, mas ainda valioso, patrimonio artistico.

Bem hajam os tres illustres academicos! Bem hajam todas as entidades, desde o sr. Patriarcha até á Academia de Bellas-Artes, que de alguma fórma concorreram para que fosse levada a bom termo tão patriótica empresa!

*

* *

Não é, por agora, nosso proposito historiar, — nem mesmo rapida e superficialmente, — nas suas origens, nas influencias que nella actuaram, e na sua evolução, a escola portuguesa de pintura, — inconfundivelmente assignalada, e já agora unanimemente reconhecida pelos mais abalisados criticos, nacionaes e estrangeiros, nem mesmo estudar detidamente, sob o duplo aspecto historico e technico, os celebres quadros de Nuno Gonçalves.

Procuraremos, no entanto, fornecer aos nossos leitores algumas notas, soccorrendo-nos principalmente, para isso, da erudita monographia que a essa notabilissima obra consagrou o sr. dr. José de Figueiredo.

*

* *

Segundo parece, foram os illustres artistas, Columbano e D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, os primeiros que, modernamente, viram, com olhos esclarecidos, os quadros de Nuno Gonçalves. Depararam casualmente com elles, numa visita que, acompanhados de Alberto de Oliveira, fizeram ao paço patriarchal, na primavera de 1882. As tabuas eram então *utilizadas* pelos operarios que, ao tempo, ali trabalhavam! Não puderam os tres visitantes examiná-las e apreciá-las devidamente. Comprehenderam, todavia, logo, que ellas tinham direito a mais carinhosos cuidados e protestaram contra o vandalismo que o seu *aproveitamento* representava.

Annos depois, encontrava-as o secretario do novo patriarcha, D. José Netto, com muitos outros quadros, numa casa escura.

NUNO GONÇALVES—RETABULO DE S. VICENTE



Painel dos Pescadores



Painel do Arcebispo



Painel dos Cavalleiros

Com o seu amor pelas coisas de arte, ordenou logo aquelle funcionario, Monsenhor Elviro dos Santos, que todos esses quadros fossem dispostos pelos extensos corredores do vasto edificio, ficando assim relativamente assegurada a sua conservação e facilitado o seu exame. Ali os viram alguns artistas e eruditos, entre elles o sr. Visconde de Castilho, que, como o grande pintor Columbano, reconheceu logo, numa das figuras, o infante D. Henrique.

E', comtudo, certo que só em 1895, depois de uma visita que á egreja e paço de S. Vicente fizeram os srs. Joaquim de Vasconcellos, Ramalho Ortigão e José Queiroz, essas tabuas mereceram a atenção da critica, tornando-se assim do conhecimento geral, com vantagem para o seu estudo e para a sua integridade. O sr. Vasconcellos deu conta das suas impressões em dois artigos publicados no *Commercio do Porto* e num estudo, incompleto, sobre a pintura portugueza nos seculos xv e xvi, impresso na revista conimbricense *Arte*. Repintadas, como estavam, as preciosas tabuas, não pôde o illustre archeologo portuense examiná-las taes quaes na realidade são; e, por isso, não é de surprehender que, de todas as conclusões a que chegou, apenas fiquem de pé as que se referem á sua procedencia nacional e á authenticação de algumas figuras.

Sousa Viterbo e o auctor destas linhas occuparam-se tambem, posteriormente, no *Diario de Noticias*, dos quadros de S. Vicente, advogando o primeiro a sua transferencia para o Museu Nacional e o segundo a sua incorporação num museu que entendia dever constituir se com as preciosidades artisticas da mitra patriarchal, ideia que já apresentára á Academia de Bellas-Artes. Em sessões desta corporação, tambem o distincto pintor J. V. Salgado se havia referido aos famosos paineis.

De todas as iniciativas, porém, foi a do sr. dr. José de Figueiredo aquellá que deu em resultado o tratamento dos quadros, o seu estudo completo e a garantia da sua boa conservação.

A historia das tabuas de S. Vicente pôde hoje, graças ao aturado estudo do sr. dr. Figueiredo, reconstituir-se com absoluta certeza. Pintadas no reinado de D. Affonso v por Nuno Gonçalves (cuja rubrica se encontrou agora numa dellas), foram certamente mandadas arranjar pelo arcebispo D. Fernando de Vascon-

cellos e Menezes, ao ser restaurado, entre os annos de 1540 e 1564, o altar de S. Vicente, em consequencia, provavelmente, dos estragos causados pelo terremoto de 1531. O restaurador, educado ainda na escola chamada *primitiva*, embora diligenciasse illudir, — fito que seria hoje condemnavel, — procedeu, todavia, com criterio. O sr. Freire não tocou nesses *restauros*, — que não são muitos, nem muito extensos.

Tempo depois, e sem a necessaria, mas perigosissima, limpeza prévia, deram-lhes um verniz escuro e grosso, que em breve ennegreceu, tomando então os quadros um aspecto desagradavel. E' possivel que o terremoto de 1579 os houvesse tambem damnificado.

Não admira, pois, que, numa representação dirigida pelo cabido lisbonense a Filippe III, em 1631, se dissesse que o retabulo de S. Vicente «era muito antigo e estava muito estragado», e que elle fosse então de novo restaurado. Mas o segundo restaurador, possuido do espirito do tempo, que lhe não permittia comprehender o sentimento especial dos paineis que era chamado a tratar, emendou e compôs a seu talante, retocando e, por vezes, repintando completamente caras e mãos, e conseguindo assim dar á obra de Nuno Gonçalves um pouco daquella amaneirada doçura, tão bem acceita do religiosismo doentio do seculo. Desta epoca deve tambem datar a transformação dos quatro paineis menores em dois quadros, assim como o consideravel desbaste das tabuas. Foi ainda, talvez, então que o retabulo do pintor de D. Affonso v foi transferido para o mosteiro de S. Vicente, numa parte do qual reside, como se sabe, o patriarcha de Lisboa. Desastrado, innegavelmente, o restaurador não foi, comtudo, vandalico. A pintura primitiva, defendida por uma dupla camada de verniz, não foi attingida.

No começo do seculo XIX (segundo é de conjecturar), mais uma vez foram repintadas as composições de Nuno Gonçalves. Abandonados, como então deviam estar, os quadros, um artista infimo ou, porventura, um *curioso* desoccupado, entreteve-se a repintá-los, sem haver procurado nivelar o espaço de onde a tinta se despegára e brochando com o mesmo calor e enthusiasmo as partes cheias e as partes vasias. «Foi este, diz o sr. dr. Figueiredo, o ultimo insulto que a obra de Nuno Gonçalves soffreu». A pri-

mitiva pintura ficára, porém, quasi intacta, e, graças á inextinguível pericia e meticulosidade de Luciano Freire, ahí a temos agora desvendada.

*

* *

A figura central das duas tabuas maiores, que, no entender do sr. Vasconcellos, representava o rei D. Duarte, na figura do Santo seu padrinho, rei de Inglaterra, é, sem contestação, a do Santo patrono da nossa Lisboa — S. Vicente — trajado de diacono, como numa das illuminuras das *Horas* de D. Duarte, do Archivo Nacional.

D. Affonso v, monarcha fastuoso, artista por temperamento, ao encommendar ao seu pintor, Nuno Gonçalves, os paineis de S. Vicente, pretendeu, porém, que elles fossem, não obra puramente religiosa, de feição tradicional, em que o artista passasse ás tabuas, sob fórmulas mais ou menos consagradas, hieraticas, as scenas ou passagens mais interessantes da vida do Santo, mas, antes, um verdadeiro commentario de factos memoraveis dos reinados de D. João I, de D. Duarte e do seu.

Em volta da figura do Santo martyr, a cuja intercessão attribuia as nossas grandes victorias e esperava dever o bom exito das empresas que tinha em mente, apertam-se, tanto nos dois paineis centraes, como nos outros, representantes de todas as categorias da sociedade portuguesa de então, — pescadores, mareantes, homens de armas, letrados, chronistas, pintores talvez, monges, altos dignitarios ecclesiasticos, fidalgos, reis e principes.

Até a colonia israelita, muito considerada por esse tempo entre nós, surge num dos quadros, representada por um personagem de categoria, evidentemente estudado do natural, mas que tem ali o valor de um symbolo.

Entre as figuras seguramente authenticadas, contam-se a do infante D. Henrique, a de D. Affonso v, a da rainha D. Isabel, a do principe D. João (depois D. João II), e a da duquesa de Coimbra. E' de notar que o solitario de Sagres nos apparece, no quadro de Nuno Gonçalves, sem aquella expressão dura, que se nota no retrato que acompanha a *Chronica de Guiné*, de Azurara, e que, aliás, corresponde ao seu character, como no-lo pintam chronistas e historiadores.

O infante de Nuno Gonçalves tem uma physionomia suave e doce, um olhar immerso em idealismo e em sonho.

Os painéis de S. Vicente, — já o sr. J. de Vasconcellos o notou, — devem ser considerados *historicos*. Não porque representem determinado factó; mas porque nelles palpita com singular intensidade a vida nacional, porque nelles se concentra toda a sociedade portugueza do seculo xv, tal como o artista a considerava e sentia, — simples, forte, energica, unida no mesmo esforço; tal como soubera, menos de um seculo antes, repellir o castelhano, firmando a autonomia nacional, e dar livremente a corôa ao Mestre de Avis.

Os desfallecimentos que, já então, em certo modo, prenunciariam o desastre de 1580, não se apercebia delles o artista, voltado exclusivamente á plasticização fiel dos personagens que tinha diante de si.

*

* *

Os quadros de Nuno Gonçalves, que, como já dissémos, foi pintor de D. Affonso v, com um ordenado superior a novecentos mil réis, na moeda de hoje, e mais elevado que o de outras individualidades de categoria, do tempo, o que mostra a consideração em que o generoso monarcha tinha o pintor e a arte que elle tão distinctamente cultivava, — os quadros de Nuno Gonçalves, (diziamos) são documentos de extrema importancia para a historia da arte portugueza, e, até, para a historia geral da arte.

A nossa pintura tem sido, até hoje, relacionada, quasi exclusivamente, com a flamenga ou, melhor, neerlandesa, e filiada, sobretudo, na influencia de João Van Eyck, que veio, como se sabe, a Portugal, em 1428, com a embaixada que o duque de Borgonha, Philippe, o Bom, enviou a D. João I, para solicitar a mão da infanta D. Isabel.

E' certo que os mestres de Flandres exerceram, na evolução da nossa arte, uma influencia que não póde contestar-se. As nossas estreitas relações com os mais importantes centros commerciaes de Flandres, que eram, simultaneamente, operosos centros de arte, a importação de grande numero de quadros dos maiores artistas flamengos, a permanencia, hoje documentada, de pintores portugueses naquella região, tudo isto, — mais, sem duvida.

NUNO GONÇALVES—RETABULO DE S. VICENTE



Painel dos Frades



Painel do Infante



Painel da Reliquia

do que a vinda de J. Van Eyck ao nosso país, onde se não demorou muito, — contribuiu para que essa influencia se exercesse com intensidade, concorrendo tambem para isso uma tal ou qual affinidade no modo de ser, no character moral, das duas raças, affinidade que se nos patenteia claramente, quando observamos, por exemplo, como os artistas flamengos e os nossos interpretam certas passagens da Historia Sagrada, convertendo-as em quadros íntimos, commovedoramente repassados da doçura e da poesia da vida familiar.

Mas essa influencia, que se accentua sobretudo nos fins do seculo xv, não prepondera, de modo nenhum, na obra de Nuno Gonçalves, embora a obsessão de J. Van Eyck seja reconhecivel numa ou noutra das suas cabeças, como, por exemplo, a do arcebispo, que deve ser D. Martim Affonso Nogueira ¹.

Sendo todas maravilhosos retratos, as figuras dos paineis de S. Vicente não têm a vulgaridade de muitas das de Van Eyck. Ha nellas um idealismo, a que o artista não sacrificou, é certo, a realidade, mas que, no entanto, as suavisa e ennobrece, ao mesmo tempo que lhes dá a maior verdade, porque é o reflexo do mysticismo que produziu e animou o surprehendente esforço dos nossos primeiros descobridores.

Em compensação, J. Van Eyck excede Nuno Gonçalves no conhecimento da perspectiva, na solidez do desenho e na finura do acabamento, comquanto estas duas ultimas qualidades sejam notaveis no pintor de D. Affonso v.

Colorista, não o foi, talvez, maior J. Van Eyck; e, na comprehensão do claro-escuro, que só se torna completa no seculo xvii, Nuno Gonçalves foi muito além dos seus contemporaneos, ainda os mais illustres. Ha, nos seus quadros, mascaras, que, sob o ponto de vista luminoso, são tratadas com a verdade e a largueza com que o seriam agora. As armaduras dos guerreiros do painel em que figura o arcebispo, dir-se-iam pintadas por um artista moderno.

Quanto ao apparelho das tabuas, tambem Nuno Gonçalves se distancia consideravelmente dos seus contemporaneos. Pintava sobre um ligeiro preparo de tinta acastanhada, em que não entra

¹ Opinião do sr. dr. José de Figueiredo.

nem o cré nem a colla, que, mesmo depois de descoberto, ou, antes, aperfeiçoado, pelos Van Eyck o processo da pintura a oleo, continuaram, durante muito tempo, a ser empregados. Tão moderno, digamos assim, era Nuno Gonçalves, que, algumas vezes, pintava, como hoje, a *pleine pâte*, dispensando a apposição de velaturas.

A' influencia italiana, que actuou igualmente na pintura portuguesa, devendo ter sido um dos seus portadores o artista que D. João I mandou vir de Italia e que os documentos designam por «Mestre Antonio Florentim», artista, que, em 1439, vivia ainda em Portugal, não parece Nuno Gonçalves dever senão o seu naturalismo. Discipulo, sem duvida, de algum dos immediatos discipulos de Giotto, o creador do naturalismo — Mestre Antonio deve ter influido na orientação realista dos nossos pintores. O processo technico de Nuno Gonçalves é, porém, muito differente do que, ao tempo, seguia a escola florentina.

O artista portuguez não procurou imitar ninguem: nem os Van Eyck, nem os italianos. E' a figura primacial da nossa escola, que tem no seculo xv, como todas as escolas primitivas, excepto a italiana, o seu periodo caracteristico, e que, reflectindo, embora, influencias estranhas, logrou, todavia, attingir, como o têm reconhecido auctorizados criticos estrangeiros, uma feição propria, em que o realismo é temperado pelo idealismo, em que ao poder de observar se allia o de sentir, e em que nitidamente se reflecte o character doce, amoroso, contemplativo e resignado, tão singularmente persistente na raça que habita a orla occidental da Peninsula.

São estas algumas das conclusões mais importantes a que chega o distincto escriptor, que ao fixar a alta individualidade artistica de Nuno Gonçalves, nos traça o quadro geral da nossa escola de pintura no seculo xv, filiando-a, através de influencias estranhas, na arte gallaica dos seculos xi e xii, que produziu a maravilhosa cathedral de Sant'Iago de Compostella e uma serie de monumentos romanicos áquem e além do rio Minho, entre os quaes avulta a Sé Velha de Coimbra.

D. JOSÉ PESSANHA.

A ORDEM DE CALATRAVA

Um manuscrito interessante. — Definição da ordem por um D. Abade, da Morimundo (Morimond) que viveu no seculo XV. — Cerimonia da investidura do habito.

A cavalheiresca Hespanha, rica de tradições e povoada de innumeraveis joias architectonicas é um paiz por excellencia notavel. Apesar dos embates violentos do tempo, conserva ella ainda hoje, aquella sumptuosidade que lhe dá o seu grande passado. A sua arte delicada e exuberante, a um tempo gracil e imponente, imprime ás suas cidades, villas e aldeias um cunho caracteristico de personalidade inconfundivel, libertando-a dos estylos de outros paizes e creando-lhe uma predominancia isolada e original que é sem duvida o traço indelevel da sua raça. Esta individualidade artistica que mais ou menos fixa o tom das nacionalidades, assume na Hespanha uma flagrancia incomparavel e soberba. Em cada monumento sobre que a vista se detem, resalta esse temperamento vivo e esvelto que distingue o povo hespanhol.

A raça hespanhola amolda-se a todos os grandes empreendimentos, retoma feições diversas.

Estremece-lhe o ser, sacodem-se-lhe os sentidos quando o sol ardente da Andaluzia a beija e acalenta, mas impulsionada pelas grandes ideias busca novos horisontes onde se espelhe a luz da verdade moderna. A Andaluzia calma e poetica, contrasta formidavelmente com essa Catalunha aspera e sombria, moderna e aventureira. Mas, numa e noutra o mesmo traço pessoal e inconfundido. Sem repudiar as suas tradições, pois as conserva com animo, olha de frente o futuro, estampando na sua retina as aspirações sociaes, das mais adiantadas civilisações. Não se arreceie alguém que a Hespanha fraqueje na sua senda de povo civilisado!

Teve sempre e terá a sua opinião definida, muito especialmente no que respeita ás diversas manifestações da arte. Nesta como na litteratura é rica. Murillo, Calderon, Velasquez e Espronceda, atravessarão os tempos como astros de primeira grandeza, honra das artes e litteratura europeia. A sua musica, sem revestir a sobriedade e firmesa brusca (se bem que inspirada para quem a sabe comprehender) do genio germanico, é comtudo tão symbolicamente pessoal que nenhum povo ha á face da terra que a tenha mais inconfundivel.

Não é meu intento historiar a Hespanha moderna, no que ella tem de alevantado e bello; vou antes penetrar os humbraes da Hespanha cervantesca e remota, nem outro podia ser o aspecto desta noticia destinada a uma revista archeologica.

Vou pois tratar duma das mais retintamente tradicionaes ordens de cavallaria do paiz nosso visinho, a de *Calatrava*. Advertirei, ainda, que não pretendo fazer uma monographia completa desta ordem militar. Para isso mingoam-me a aptidão e as fontes de estudo. Cingir-me-hei portanto a revelar um manuscripto interessantissimo existente na livraria da Torre do Tombo⁽¹⁾

A ordem de Calatrava, no dizer dos mais auctorizados chronistas hespanhoes, foi instituida reinando em Castella Sancho III. Affonso Rei de Castella, pae deste monarcha, tomou Calatrava no anno de 1197, dando-a aos templarios, que, com receio de a não poderem conservar, a restituiram a Sancho, seu filho. Mais tarde os templarios organisaram definitivamente a ordem, cuja séde se deslocou de Calatrava para Ciruelos, passando mais tarde a Saluatierra, depois a Zurita, voltando finalmente para a sua primitiva séde, erigindo-se então um convento para substituir o primitivo que havia sido destruido pelos barbaros.

A ordem de Calatrava era constituída pelas seguintes dignidades: *Grão Mestre*, *Commendador-mór*, *Chaveiro*, *Prior*, *Sacristão* e *Obreiro-mór*.

Muitos foram os mestres que governaram a ordem. E' porém sob o Governo de D. Rodrigo Telles Giron (29.º mestre) que se encontram as definições que constituem o manuscripto alludido. Consta elle de trinta e sete paginas de pergaminho escriptas com

(1) Manuscriptos N.º 1939.

letra bastante uniforme, comprehendendo sessenta e seis capitulos enunciados com letras vermelhas.

Apoz estes, segue-se uma oração que deve ser pronunciada pelo mestre cavalleiro e commendador, no acto da licção de cada um dos quatro governadores da ordem; termina o manuscripto com a cerimonia da investidura do habito, que adiante transcreverei na integra. O pequeno codigo escripto em linguagem portugueza começa assim: *Comecansse has distincções de dō / guilhermo abade de morimundo feitas nos tempos do preclaro e magni / fico sñor dom Ruy Ruy tellez meestre da Inclita e nobre cavaleria da ordē / de calatrava.*

Rodrigo Tellez Giron, acabado de mencionar, succedeu no Mestrado da Ordem a seu pae D. Pedro Giron. Por sua morte, passou a dignidade para D. Garcia Lopez de Padilla que foi eleito em 1482, reinando D. Fernando e D. Izabel. D. Rodrigo Tellez, quando foi eleito Mestre da ordem de Calatrava, contava simplesmente oito annos⁽¹⁾ tendo-lhe sido dado por coadjutor seu tio D. João Pacheco Marquez de Villena.

Na guerra que então se feria com os partidarios da Infanta Isabel, irmã de Henrique IV de Castella, mulher de D. Fernando Rei da Sicilia e Principe de Aragão, distinguiu-se muito o Mestre de Calatrava. Mais tarde foi morto num combate que teve com os mouros, contando 24 annos.

Agora, que de relance já fiz as considerações que julguei indispensaveis para o assumpto, passo a dar publicidade á parte do curioso manuscripto, que tem sido objecto da minha attenção e que se relaciona com a investidura do habito de Calatrava. E' como segue: *Como ham de dar ho habito aos cavaleiros e freires de calatrava / e quem lho haa de dar.*

Ho que haa de receber ho abito pera / seer cavaleiro e freire da ordem de calatrava devesse / confessar primeiro com pessoa da hordem que tenha poder pera ho / absolver e confessandoo vistao das roupas que sooye trazer e tem / e venha ao cabijdo ou egreia onde ho haa de receber ante ho sñor / mestre cõ huñ cavaleiro e pessoa da hordem por padrinho seu e / faça venja ante ho sñor mestre e ho sñor mestre lhe perguntaraa //.

Que pedijs=e elle responderaa. Sñor ha mjsericordia de deus e / ha vos

(1) Historia de las Ordenes Militares de Francisco Caro de Torres. Livro-II — fl. 73.

sa e de vossa hordem. E logo enderençaraa ho corpo / e estaraa hos giolhos ficados ante o sñor mestre lhe pergū/tara e dira. *Amigo esta mjsericordia que pedij he sãa pera ha alma / pêro he muy forte e aspera pera ho corpo por mujtas cousas que / avees de guardar e comprir ca alguuas vezes quererees comer / e farvos hã gejuuar e outras vezes quererees dormjr e farvoshã / vigiar e averees mester de vestir e nō vollo daram e asi outra / cousa alguua e nō ha averees. E pollo contrairo aas vezes quando / nō quiserdes comer volo darã e quãdo quiserdes velar mādardvoshã / dormir e outras cousas contra vossa vontade vos darã e mādardã / E cōvijrvosha haa a todo seer obediente e fazer ho que vos mādare / Esto veede vos se ho poder. es fazer e comprir=Responda =Si for / com ha aJuda de deus e vossa e de vossa ordem. Dizerlheha mais / ho sñor mestre=Amen=Desto vos convē que renūciees todo quã o / teverdes e seJaaes pobre e depois nō teendo cousa alguua por vosa / sem liçenca mjnha e de meos succēsores depois de mj E avees / de seer obediente toda vossa vida a mj e a elles e avees de renūciar todo vosso aver por vontade ē mjnhas maãos e soJugarvos / de todo em todo a mjnha obediencia e mandado e depois dos ditos meos / succēsores esto veede se ho renūciaaes e prometecs asy. E elle / rēsponderaa = sñor asy ho renūcio e prometo=E digalhe aInda / mais. De me dezer verdade e desenganarme a mj e a mjnha orde / destas tres cousas (| ha primeira se fostes prometido a outra horde / antes que a esta. Se pasastes palavras de matrimonio com alguua / molher porque em tal caso nō podees seer reçebido a esta religiã / e posto que ho vos neguees e encubraaes sabendose e deman/dandovos vos entregarã e daram (| ha segunda = se fostes moordomo dalguu sñor e lhe devees ou a outra alguua pesoa / alguua cousa a que vos convenha pagar ho que devees ca doutra / guisa cada que elles vos demandarē asi meesmo vos entregarã / pera que lhes fizesseis pago. (| ha terceira = se teendes alguua / Infirmidade asi como lepra ou gota caduca por que se fosseis / Inutil pera ha ordem e se podese pegar aos outros que por esto / ou por qualquer destas cousas ou outras taas nō podees seer / reçebido. E aInda que vos reçebam encobrijndoo depois que se / soubesse vos deitaria da hordem. E sob tal condiçõ e pretestaçõ / agora vos reçeberey e darey ho abito. porende vos diçee ha ver/dade. Responda. Sob tal condiçom e pretestaçõ ho quero / reçeber. E digalhe mais. Tambem vos conye que saibdaes / como nesta ordem permanecendo avees de comprir e guardar tres / cousas. (| A primeira como dito he avees de seer obediente a mj / e aos ditos meos socēssres em todo ho que vos mandarmos toda vo/ssa vida. (| A outra que avees de seer casto e continete guardãdo / castidade toda vossa vjda (| A terceira que avees de seer pobre de / spiritu e nō avees de teer cousa sem liçença mjnha e dos ditos / meos succēsores. porende veede se aquesto podees guardar e / comprir. Responda = sy. Com ha aJuda de deus e vossa e / de vossa hordem. E estonçes digalhe. pois convem que / Jurees a deus e a santa maria e aos santos evanjelhos que daqui adiante / bem e fielmēte e a todo vosso poder achegarees todo proveito / e honrra e bem em que Justamente poderees a mj e a mjnha orde e arredarees della e de my todo dāmpno mal e desonrra que / souberdes cō todas vossas forças e*

sto vos Jurailo asi. Respōda elle. Sñor si Juro. E digalhe ho sñor mestre. Deus vollo dej,xee comprir. e respondam todos. Amen. deus vollo deixe todo cōsprir a honrra de vosso corpo e salvaçõ de vossa alma —E logo / ho que diz ha missa beenza ho abito dizendo asi. versso / *Adiutorū meum In nomine...* segue-se uma oração latina finda a qual o padre que está celebrando a missa deita agua benta sobre o habito e despojando o noviço das suas vestimentas usuaes diz : *Exuat te dominos ueterē hominem / cum auctibos suis amen.* Depois veste-lhe o habito da ordem dizendo : *Vistate ho sñor novo homē ho qual segūdo deus he criado em / Justiça e verdade e ẽ santidade e em boom fim. Amen.*

Termina aqui o que de mais interessante achei no bello manuscrito, julgando ter dado uma ideia da cerimonia da envergadura do habito duma das mais tradicionaes e notaveis ordens militares da Hespanha. E' possivel que no decorrer das minhas transcripções documentaes, se notem deficiencias ou erros de linguagem. Abdico porém da minha responsabilidade, por isso que reproduzi fielmente certas passagens do manuscrito, para que elle pudesse conservar o seu sabor proprio.

NOGUEIRA DE BRITO.

CAMPANARIOS EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 1, pag. 43)

Pedro Rodrigues Palavra, fundidor do primeiro sino da igreja dos Paulistas, era tambem fundidor de «mais obras pertencentes ao Conselho Ultramarino» pelo que teve provisão de D. João V mandada passar em Lisboa a 10 de julho de 1722 ⁽¹⁾ publicada pelo dr. Sousa Viterbo nos *Fundidores de Artilharia* e nessa provisão se menciona estar «ha mais de trinta annos assim elle como seu pae (sem declarar o nome) com todas as fundições de sinos e mais cousas pertencentes ao seu officio, que lhe foram mandadas fazer para se remetterem para as conquistas».

(1) *Fund. de Artilh.* pagg. 63 e 70, cit.

Arch. da Torre do Tombo, *Chanc.* de D. João V, L.º 63, fl. 44 v. Registrada tambem no L.º 16 de *Officios* 1722. a 1725, fl. 10, do Conselho Ultramarino na Bib. Nac. de Lisboa.

Em 1735 representou Pedro Rodrigues Palavra «que se achava entrado em annos, e tinha seu filho Maximo Rodrigues Palavra, que assistia na dita occupação a todas as fundições, e nelle concorriam capacidade e sciencia para o exercicio d'ella» e por essas razões renunciava para o dito seu filho o officio, tendo-lhe sido passado em Lisboa a 17 de janeiro de 1737 (1) alvará de fundidor de sinos e mais obras pertencentes ao Conselho Ultramarino.

A Maximo Rodrigues Palavra mandaram os do Conselho Ultramarino pagar em 8 de janeiro de 1762 a importancia de réis 3077000 pela fundição de um sino para a Sé de Pernambuco, sendo tomada em conta a quantia de 1507000 réis procedida do sino velho que recebeu (2).

Notamos, que na familia Rodrigues Palavra havia muitos fundidores, por quanto se acham registadas provisões (que se publicam) nomeando-os fundidores de sinos e outras obras das tres ordens militares, citando os nomes de Lucas ou Luiz Rodrigues Palavra pae de João Rodrigues Palavra e Joaquim Rodrigues Palavra filho do segundo e neto do primeiro, e no periodo de 1723 a 1735.

«Dom João por Graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de Guiné etc. como governador e perpetuo administrador que sou dos mestrados cavaleiros e Ordens Militares de Nosso Senhor Jesus Christo Santiago da Espada e S. Bento de Avis, fasso saber aos que esta Provizão virem que tendo Respeito ao que se me representou por parte de João Rodrigues Palavra official do officio de fundidor de sinos filho de Luiz Rodrigues Palavra em Rezão de que o dito seu pay servira com boa satisfação por espaço de muitos annos de fundidor das ditas Ordens e porque hera fallecido e no supplicante concorrião os Requezitos necessarios para bem servir o dito officio me pedia lhe fizece merce da propriedade delle e tendo concideraçam ao Referido e por esperar do dito João Ro-

(1) *Fund. de Artilh.* pagg. 64 e 65, cit.

Chanc. de D. João V, L.º 96, fl. 13.

Este alvará está igualmente transcripto no L.º 23 de *Officios* 1737 e 1738, fl. 36, do Cons. Ultram.

(2) *Fund. de Artilh.* pag. 65, cit.

drigues Palavra, que no dito officio de fundidor das tres ordens militares me servirá com boa saptisfação e verdade: Hey por bem e me pras que sirva de fundidor das dittas Ordens por enquanto eu o ouver por bem e não mandar o contrario e fará todas as obras de seu officio pertencentes ás ditas ordens e Igrejas dellas bem e fielmente pelos pressos que ordinariamente correm na terra sem alteração alguma, e nenhũ outro official se entremeterá a fazer as dittas obras senão o dito João Rodrigues Palavra sobpena de perderem os feitos dellas ametade para quem o acuzar, e outra para as despezas do meu Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens e gozará de todos os previllegios, liberdades de que gozão os mais officiais das ditas Ordens: Pello que mando a todos os ministros officiaes e pessoas a que o conhecimento pertencer que haião ao dito João Rodrigues Palavra por fundidor das ditas ordens e cumprão e goardem esta Provizão como nella se contem sem duvida alguma, sendo paçada pellas chancellarias das mesmas Ordens e jurará em huma dellas de bem e verdadeiramente e como deve de fazer as ditas obras e pelos preços que correrem em forma que os bens das ordens não padessão prejuizo antes se utelizem no bemfeito da obra, e comodidade dos pressos e esta Provizão vallerá como carta posto que seu efeito dure mais de hum anno sem embargo da ordenaçam em contrario e pagou de novos direitos dois mil e outocentos réis que se carregarão ao Thezoureiro delles Jozeph Correa de Moura no L.º 6.º de sua receita a fl. 43 como se vio de hum conhecimento em forma que se registou no L.º 6.º do Registo geral dos mesmos direitos a fl. 45 v. — ElRey Nosso Senhor o mandou pelo Arcipreste da Santa Igreja Patriarchal, e Dom Lazaro conego della, ambos do seu conselho e Deputados do despacho do Tribunal da Menza da Consciencia e Ordens = Manoel Bernardes de Almeida a fez em Lisboa Occidental aos sinco de janeiro de mil e sette centos e vinte e tres annos, Manoel Coelho Vellozo a fes escrever — Arcipreste da Santa Igreja Patriarchal — Dom Lazaro, Conego da Santa Igreja Patriarchal (1)».

(1) *Chanc. da Ordem de Christo* L.º 164, fl. 325.

Chanc. da Ordem de Santhiago L.º 27, fl. 203 v.

Neste registo está mencionado o nome do fundidor como Lucas Rodrigues Palavra.

«Dom João etc. como governador e perpetuo Administrador que sou dos mestrados cavallarias e ordens de Nosso Senhor Jesus Christo San Tiago da espada e São Bento de Avis: Faço saber aos que esta Provizão virem que tendo respeito ao que se me reprezentou por parte de Joachim Rodriguez Palavra official do officio de fundidor de sinos morador nesta corte filho de João Rodriguez Palavra em razão de que o dito seu Pay servira com boa satisfação por espaço de muitos annos de fundidor dos sinos das ditas ordens, e porque o dito seu Pay era falecido da vida presente e no suplicante concorrião os requizitos necessarios para bem servir o dito officio me pedia lhe fizesse merce da propriedade delle e tendo consideração ao referido e esperar do dito Joachim Rodriguez Palavra que no dito officio de fundidor das tres ordens militares me servira com boa satisfação e verdade: Hei por bem e me praz que sirva o dito officio de fundidor das ditas ordens emquanto eu o houver por bem e não mandar o contrario e faça todas as obras do seu officio pertencente ás ditas ordens e Igrejas dellas bem e fielmente pellos pressos que ordinariamente correrem na terra sem alteração alguma e nenhũ outro official se entrometerá a fazer as ditas obras senão o suplicante subpenna de perderem os feitos dellas ametade para quem o acuzar e a outra para as despezas do meu Tribunal da Meza da Consciencia e ordens e gozará de todos os privilegios e Liberdades de que gozão os mais officiaes das ditas ordens. Pelo que mando a todos os ministros officiaes e pessoas a que o conhecimento desta pertencer que hajão ao dito Joachim Rodriguez Palavra por fundidor das ditas ordens cumprão e guardem esta Provizão como nella se conthem sem duvida algũa sendo passada pellas chancellarias das ordens, e jurara em hũa dellas de bem e verdadeiramente como deve fazer as ditas obras em forma que os bens das ordens não padeção prejuizo antes se utilizam no bemfeito da obra e comodidade dos pressos e esta Provizão valera como carta posto que seu effeito dure mais de hũ anno sem embargo da ordenação em contrario e pagou de novos direitos dous mil e outocentos reis, que se carregarão ao Thezoureiro delles, Manoel Antonio Botelho de Ferreira no L.º 1.º de sua receita a fl. 274-v. como se vio de seu conhecimento em forma, registado no L.º 1.º do registo geral a fl. 228 — ElRey Nosso Se-

nhor o mandou pelos D. D. (Doutores) Fr. Miguel Barboza Carneiro e Alexandre Ferreira, Deputados do despacho do Tribunal da Meza da Consciencia e ordens — Miguel de Lobão Carneiro a fez em Lisboa Occidental a treze de outubro de mil settecentos e trinta e cinco annos. — Domingos Pirez Bandeira a fez escrever. — Frey Miguel Barboza Carneiro — Dr. Alexandre Ferreira» (1).

Tratando ainda dos sinos da igreja dos Paulistas, ha que fazer menção dos tres fabricados por Santos Joze Nihoul, e no codice H-3-2 n.º 2.163 do fundo antigo da Bibliotheca Nacional de Lisboa se encontram alguns dados, que muito servem ao meu fim.

E' o referido codice intitulado :

REGRAS / DE / MUSICA / SINOS / RABECAS / VIOLAS — a fls. VII designa, ESTE LIVRO / FOI FEITO SOMTE / PARA O ESTUDO / DE / MATHEUS PIR — / SON NIHEUL / POR SEU R. P. M. / João Vaz Barradas M.^{to} Pão e Morato / Gl.^a da Sylvr.^a / Homem / 1762 — a fls. 9 a DEDICATORIA SNR.^{OR} MATHEUS PIRSON NIHOUL, a qual dedicatoria é subscripta por seu m.^{to} am.^{te} Padri-
nho e M.^{tre} João Vaz Barradas M.^{to} Pão e Morato.

Comprehendem-se neste codice :

TRATADO DA MUSICA — MEDIDA DE SIGNOS SUAS PROPORÇOENS PARA OS TONS — PRATICA OBSERVADA POR SANCTOS JOZE NIEHUR NATURAL DA CIDADE DE LIEGE MESTRE FUNDIDOR DE SINOS EM DIALOGO DE PERGUNTAS E REPOSTAS — FACTURA DE VIOLAS E SUA AFINAÇÃO — BREVE CONHECIMENTO PARA TOCAR RABECA.

Este manuscrito, em dois caracteres de letras do seculo decimo oitavo, é muito curioso pelos assumptos de que trata, e por dar algumas noticias relativas ao mestre fundidor de sinos Santos Joze Nihoul, natural de Liege, (cidade então dos antigos Paizes Baixos Austriacos e desde 1830 pertencente á Belgica independente) fabricante dos tres já descriptos sinos existentes na torre da igreja dos Paulistas, e tambem em revelar o seu systema de os fabricar, expondo as regras para fazer a fôrma do sino, me-

(1) *Chanc. da Ordem de Avis*, L.º 28, fls. 412.

Chanc. da Ordem de Christo, L.º 221, fls. 23.

taes, que deviam entrar na composição, cobre, pouco latão e estanho do mais fino, sua fundição, as proporçoens e grossuras nas differentes partes para os diversos tons e afinação, e outras muitas particularidades.

Matheus Pirson Nihoul talvez fosse filho ou parente proximo de Santos Joze Nihoul fundidor dos tres sinos dos Paulistas datados de 1742, 1768 e 1769; mas do dito Matheus Pirson Nihoul ainda não encontrei sino algum, talvez por não seguir a arte, embora o livro lhe tivesse sido dedicado pelo seu padrinho e mestre em 1762 «para rezistir ás calumnias da ignorancia que lhe possão acommular, sendo certo, que só os doutos são os mais calumniados pelos que a sciencia não chegaõ a alcançar, que por stultos entraõ em o numero de infinitos *infinita sunt stultitia* e para que Vm.^{ce} não entre nesta infinidade numerica tomey o trabalho de lhe fazer estas breves regras de Muzica e suas observaçoens; factura de Sinos, e Violas para melhor intelligencia do que houver de obrar: sirvace de minha lemitada offerta recomendandoa muito na memoria, porque o que se hade praticar se deve primeiro muito estudar».

EVORA

Egreja da Sé Archiepiscopal

A igreja cathedral ou Sé metropolitana, fundação do bispo D. Durando Paes, no seculo XIII, pelos annos de 1267 a 1283, tem na sua fachada duas torres, sendo uma a dos sinos, e a outra serve de moradia ao sineiro.

O nosso consocio Sr. Gabriel Pereira, no *Boletim da Associação*, tom. IX da 4.^a serie, n.º 3 de 1901, enumera «Os sinos da Sé de Evora os quaes estão instalados na torre do sul á direita da entrada. Os sinos destinados aos signaes, dobres e repiques, estão numerados, e têm as seguintes invocações:

- 1 — S. Pedro.
- 2 — Senhora do Carmo.
- 3 — Sino de Prima.
- 4 — Santa Barbara.
- 5 — Senhora da Conceição.
- 6 — S. João.
- 7 — Senhora do Anjo.

«Os dois ultimos são enormes. Ha mais dois sinos, o do bispo D. Pedro, que é o sino das horas, e o da Cana-Verde, que tem o *Ecce-homo*, que é o dos quartos. Alguns d'estes sinos têm datas, inscripções, nomes de fundidores e relêvos artisticos».

«Os dois sinos, *o das horas e o de prima*, creio que não têm parceiros em Portugal. Dizem que o timbre, a qualidade da vibração se apura com o tempo: não sei se será assim, o que é certo é que o som d'estes sinos me fére o ouvido de maneira especial. Ha sinos de sons valentes, asperos, irritantes, piégas, abeatados, impertinentes, violentos, ferozes; o das horas da Sé de Evora tem uma solemnidade espirital inconfundivel; tem uma voz doce e poderosa, com certa melancolia ao mesmo tempo; produz-me o effeito d'um psalmo. Só ouvi outro, que se lhe parece, o de Westminster».

São portanto nove sinos collocados nas nove ventanas da torre, e nos respectivos cabeçalhos estão indicados a tinta branca os nomes dos santos, a que são dedicados.

Começarei a descripção pelo sino das horas, o qual é muito notavel e interessante; porque é o sino mais antigo, que tenho observado. E' do seculo XIII, anno de 1294, mandado fundir pelo bispo D. Pedro I, que governou a diocese de Evora de 1293 a 1297.

Sino das horas dedicado a — S. BRAZ.

Em cima cinta formada por filetes tendo ao meio da cinta a legenda em caracteres gothicos:

† : hoc : signum : fecit : odno : pet : epō : elborēn : ē : m̄ : CCC : XXX : II

ao centro tem um filete circular paralelo ás cintas, e em baixo outra cinta liza com a legenda em uma linha nos mesmos caracteres gothicos

† : veni : creator : spirit' : mētes : tvōr : visita : imple : supna : grā :
Q : tv : crēti : pectora : ●

Sino dos quartos — S. NEUTEL

Em cima cinta liza sem legenda, no centro para a parte exterior da torre está o busto de Christo entre duas palmas, e na parte superior da imagem

ESEOMO

e na inferior

PERA SAMTA MONICA

ISSVIII

Sino de — S. PEDRO

Cinta liza em cima sem legenda, no centro para o lado exterior da torre não tem emblema algum, para a parte interna tem a Cruz ornamentada com peanha, em baixo cinta liza e a legenda

HABEO * JN * ORE * MEO * REDARGVTIONES *
 ¶VONIAM * AD * FLAGELLA * PARATVS * SUM * 1805

«Este sino estava na antiga egreja de S. Pedro, e foi levado para a Sé, quando a velha egreja, de ha muito sem culto, foi aproveitada para a installação da escola normal».

Sino da — SENHORA DO CARMO

Cinta ornamentada em cima sem letreiro, no centro para a parte de fóra da torre não tem emblema, para a parte interna está a imagem da Senhora e o Menino Jesus com os bentinhos, em baixo cinta liza e em uma linha a legenda

JOZE DOMINGVES DA COSTA OFES EM LISBOA NO
 ANNO DE 1783

Sino — Primás

Em cima tem cinta liza formada por dois filetes e em uma linha a legenda em caracteres gothicos minusculos

† encinbalis * bene sonantibus * laudate domino *
 aleluya *

ao meio e para a parte exterior da torre tem em relêvo uma Cruz.

Este sino é do seculo XVI bem definido, não só pelos caracteres do letreiro, como pelo seu contorno e fôrma esguia, propria de todos os sinos fundidos nos seculos anteriores até principios do seculo XVII.

Sino de — SANTA BARBARA

Em cima tem cinta liza sem legenda sobre ornamentos em fôrma de grinaldas, no centro para a parte externa da torre está a Cruz ornamentada com raios e peanha, e para a parte interna a imagem da Santa com a palma na mão direita e na esquerda um grande castello, em baixo na borda duas cintas e em duas linhas as legendas :

- 1.^a linha — SANTA BARBARA ORA PONOBIS ☩ SEFVN-
DIV · ESTE · SINO · SENDO · OARCEVIPO ·
OASELENDISIMO · S.^R F.^R PATRICIO · DASIL-
VA ☉
- 2.^a linha — PÉDRO · PAVLVS · AMADEO · ME · FEZE · DE
INACIONEM · ROMANA ☉ DE · ANNO · MILE-
SIMO · DE ☉ M · D · C · C · C · X · X · I ☉

Sino da — SENHORA DA CONCEIÇÃO

Cinta ornamentada em cima sem letreiro, no centro para o lado externo da torre tem uma Cruz, para dentro a imagem da Virgem, em baixo cinta liza e em uma linha o letreiro :

FAUSTINO ALVES GUERRA ME FES NO ANNO DE 1789

Sino de — S. João

Em cima uma cinta liza, na qual se lê em uma linha :

PETRVS QAM ☉ TE ☉ FORMAREM ☉ INVTERO ☉
NOVITE ☉ INTENATOS ☉ MVLIERV

o centro é lizo de todos os lados, e em baixo na cinta tambem liza está a legenda

NON ⊙ SVREXIT ⊙ MAIOR ⊙ IOANE ⊙ BAPTISTA ⊙
FOI ⊙ FEITO ⊙ NA ⊙ ERA ⊙ DEIS ⊙ ESETEMTA

Sino da — SENHORA DO ANJO

Cinta ornamentada em cima tendo em uma linha o letreiro :

AVE MARIA □ GRACIA PLENA □ DOMINVS □ TECVM □
ANNO 1701

ao centro e para a parte interna da torre está a Cruz ornamentada com peanha, tendo superiormente

MATHEVS RVIZ □ MEFECIT

para o lado exterior uma pequena imagem da Virgem sobre o escudo das armas do decimo arcebispo D. Fr. Luiz da Silva Telles; escudo esquartellado, sendo os primeiro e quarto quartéis campo de oiro, nos segundo e terceiro em campo de prata um leão de vermelho.

D. Fr. Luiz da Silva Telles, decimo arcebispo metropolitano de Evora, o qual governou a sua diocese desde 1691 a 1703, nasceu em Lisboa a 27 de outubro de 1626; conforme a *Hist. Geneal.* Tomo IX, pagg. 603 a 606 «era filho de Luiz da Silva e de D. Marianna de Lencastre, irmão do primeiro conde de Villar Maior, Fernam Telles da Silva, e falleceu em Evora a 13 de janeiro de 1703».

Na Bib. Nac. de Lisboa, sec. dos Mss. existe o codice n.º 269, in 4.º intitulado *Compendio da vida do Ill.º e R.º Sr. D. Luiz da Silva, arcebispo de Evora, escrito pelo P.º Fr. Simão de Brito*, e nelle diz ser filho de Francisco da Silva e de Margarida de Noronha, e ter fallecido em 20 de janeiro de 1703; mas o epitaphio da sua sepultura na Sé de Evora (1) indica 13 de janeiro.

Entre muitas obras, que mandou fazer, «acabou, com o dinheiro da mitra, nove retabulos, que a Sé *vacante* tinha principiado, e os mandou dourar, e pintar as capellas da dita Sé». Um dos retabulos foi o do altar da Senhora do Anjo, e mandou fundir o sino dedicado á mesma Senhora, como se verifica pelo braço de suas armas.

A Bib. Pub. de Evora possui um codice $\frac{c.v.1}{1-27}$ — *Relação da vida de D. Fr. Luiz da Silva Metropolitano Arcebispo de Evora* — descripto no *Catalogo dos Mss.* da mesma Bibliotheca, Tom. III, pag. 62.

S. Francisco

A sumptuosa igreja do convento de S. Francisco onde, em conformidade da portaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e da justiça de 20 de novembro de 1839, funciona desde 24 de outubro de 1840 a freguezia da antiga parochia de S. Pedro, tem torre com quatro sinos.

1.º — Este sino era da igreja da Graça, convento da ordem de S. Agostinho.

Em cima tem uma cinta liza formada por dois filetes, e nella se acha disposta inversamente, isto é começando da direita para a esquerda, a legenda seguinte em caracteres gothicos maiusculos quasi todos tambem invertidos

**MENTE SAMTAM ESPOMTANIA ONORE
DEU PATER LIBARACIONE**

cuja leitura é — MENTE SAMTAM ESPOMTANIA ONORE DEU LIBARACIONE e deveria ser, se a legenda estivesse certa — MENTEM SANCTAM SPONTANEAM HONOREM DEO ET PATRIAE LIBERATIONEM.

No centro para a parte externa da torre não tem emblema, e para a parte interna estão dois escudos, com corôa aberta, das armas do Reino da epoca de D. Manuel I e entre estes escudos a Es-

(1) *Esboços chronologicos-biographicos dos Arcebispos da igreja de Evora.* Coimbra, 1874, pagg. 44 a 46, e *Memorias historicas sobre a fundação da Sé de Evora...* Evora, 1903, pagg. 85 a 87 por Antonio Francisco Barata.

phera armillar; sobre as corôas dos escudos ramos de flôres, e sobre a Esphera está uma pequena imagem da Virgem.

Correm uns filetes circulares, e sob a Esphera está um lagarto abocando uma ave.

Em baixo tem cinta liza e inversamente relevado em caracteres romanos o seguinte letreiro em uma linha exactamente publicado

((SIBONRO ARO IEG AVVRS AMISITIMA SERVA DEI ORA PORNOBIS))
(leitura — BARBORA SANTISSIMA SERVA DEI ORA PORNOBIS)

Este sino do seculo XVI é notavel pela sua antiguidade, ornamentação e muito especialmente pela disposição das suas legendas, que não são facéis de decifrar.

2.º — Cinta liza em cima tendo

ERA DE 1710

no centro para fóra da torre não tem emblema, e para o lado de dentro tem em relêvo um quadrilongo ornamentado com a imagem da Virgem e o Menino sobre uma arvore, em baixo cintas lizas sem letreiros.

Pertenceu este sino á igreja do convento de Nossa Senhora do Espinheiro de frades da ordem de S. Jeronimo, fundado no seculo XV pelo bispo de Evora D. Vasco Perdigão.

3.º — Em cima cinta liza, no centro do sino para o lado de fóra tem uma Cruz ornamentada com peanha, e para dentro estão duas chaves em aspa sobre

1768

em baixo cintas lizas sem letreiro.

Este sino era da antiga igreja parochial de S. Pedro.

(Continúa.)

J. J. D'ASCENSÃO VALDEZ.

ACTA N.º 48

Sessão de Assembleia Geral de 16 de abril de 1910.

Presidente — Rosendo Carvalheira.

Secretario — Mattos Sequeira.

Vice-secretario — Costa Campos.

Foi aberta a sessão ás 9 e cinco minutos da noite, estando presentes alem da meza os dignos socios, srs. Silva Leal, Julio A. Ferreira, Nogueira de Brito, Santos Ferreira, Luiz Bettencourt, Jacintho Bettencourt, José Alexandre Soares, Jesuino Ganhado, Victor Ribeiro, Antonio Cezar Mena Junior, Rodrigues Fernandes, Dr. Arthur Lamas e D. Fernando d'Almeida, e depois de lida a acta, que foi approvada, passou-se á leitura do expediente, que constou dos documentos seguintes:

1.º — Carta, justificando a sua falta do nosso consocio Sr. Ernesto da Silva.

2.º — Carta do Ex.^{mo} Presidente Sr. Conselheiro Adolfo Loureiro, justificando, por doença, a sua falta, e lembrando á assembleia o lançamento de dois votos de sentimento pela morte do Dr. Antonio dos Santos Rocha, e do distinto escriptor Antonio Francisco Barata, carta em que Sua Ex.^a fazendo em sentidas palavras o elogio do illustre archeologo Santos Rocha, creador do Museu Archeologico da Figueira, promete para o nosso Boletim um esboço biografico do falecido. Sua Ex.^a manifesta tambem á assembleia, por essa forma, quanto lhe seria grato manifestar-se esta, numa demonstração de aplauso e congratular-se pela maneira como tem decorrido a commemoração centenaria de Herculano.

Todos estes votos foram aprovados, por unanimidade, deliberando a assembleia se communique os dois primeiros ás familias dos socios falecidos.

3.º — Circular da Comissão Executiva do Centenario de Herculano, convidando a Associação a fazer-se representar no Cortejo Civico aos Jeronimos. Deliberou a assembleia que se officiasse, adherindo a essa manifestação, fazendo a meza convites a todos os socios para comparecerem no ponto de organização do mesmo cortejo.

4.º — Officio da Direcção Geral de Instrucção Publica enviando cinco exemplares de um plano para a erecção do monumento L' União Telegrafica internacional em Berne;

5.º — Officio da Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa Ermelinda Ferreira d'Almeida e Menezes agradecendo o voto de sentimento exarado na acta da ultima sessão pelo falecimento de seu marido;

6.º — Parecer favoravel e elogioso da direcção, á admissão para socios effectivos dos srs. Henrique de Campos Ferreira Lima, José Ferreira Braga e Robert A. Schore;

7.º — Identico parecer da mesma direcção com referencia ao Rev.^{do} M.^{or} José Augusto Ferreira, Conego Prior de Villa do Conde;

8.º — Communicação da Secção de Archeologia, fazendo a assembleia sciente da sua instalação, e notificando a remessa de um estudo sobre os *motos* das capellas imperfeitas da Batalha, feito pelo seu vice presidente, sr. Santos Ferreira;

9.º — Officio do secretario do Congresso Nacional, notificando o dia da inauguração do mesmo congresso e pedindo a indicação dos nossos representantes ao mesmo. Deliberou a assembleia que se officiasse agradecendo e enviando a nota dos socios congressistas.

10.º — Officio da Camara Municipal de Lisboa, solicitando a indicação do delegado desta colectividade para membro da commissão de Instalação do Museu Historico da cidade de Lisboa. Resolveu a assembleia, que se officiasse agradecendo e notificando ter sido nomeado para essa commissão instaladora o nosso consocio sr. Gabriel Pereira, que a mesma assembleia escolheu, fazendo a este distincto consocio communicação desse facto;

11.º — Um bilhete, um folheto e um jornal, remetidos da India Portugueza a esta Associação, pelo sr. Ricardo Michael Telles, como titulo de candidatura para socio desta colectividade. Resolveu a assembleia, se lhe remetterssem, para elucidação da mesma candidatura, os nossos estatutos.

Tendo-se esgotado assim o expediente, o sr. Presidente, Rosendo Carvalheira congratula-se pela presença de novos socios e seguidamente o sr. Costa Campos justifica as suas faltas ás ultimas sessões, por motivo de trabalhos inadiaveis, que o obrigaram a afastar-se das suas devoções.

Pede depois a palavra o sr. D. Fernando d'Almeida, que agradece a sua eleição e as palavras elogiosas do sr. Carvalheira que aliás julga imerecidas. Diz ignorar ainda a materia dos estatutos desta colectividade, mas folgando que todos os assumptos que se refiram a arte, em todas as suas manifestações, têm nella cabimento, refere-se á possível venda e talvez lamentavel perda de uma interessante colecção artistica que o falecido Alfredo Keil organisára e que sua familia tem de alienar. Essa colecção, quasi um verdadeiro museu, constava de diferentes instrumentos musicaes, uns de alto valor artistico, outros de notavel merecimento historico. Pena é que se percam e que o Governo não tenha leis com que obste ás continuadas saidas de objectos de arte que se fazem todos os dias. Sua Ex.^a depois de fazer varias considerações ácêrca das vantagens que haveria em dificultar a exportação de objectos artisticos, promette oferecer a esta associação a que muito se honra de pertencer, dois exemplares de medalhas por Sua Ex.^a executadas.

Seguidamente o sr. Carvalheira, respondendo ás palavras do orador precedente, louva a iniciativa de Sua Ex.^a e diz que esses assumptos estão sempre dentro da alçada da nossa lei estatuinte. Refere-se depois á magnifica fórma como a Italia dificulta, tornando num museu todo o seu territorio, a saida de toda e qualquer obra de arte e cita em abono das suas palavras diferentes exemplos típicos. A sua opinião é que se crie uma lei que dificulte essa saida, porque de contrario todos os esforços, nesse sentido, envidados por nós e por outras colectividades congêneres, irão sempre esbarrar contra o orçamento.

O sr. José Alexandre Soares declara nesta altura que na qualidade de membro da Academia de Bellas Artes, communica gostosamente á Assembleia que aquella agremiação se occupou em uma das suas ultimas sessões, do projecto de um regulamento prohibitivo da exportação de obras de arte, para o propor ao governo.

Ultimado este assumpto, o sr. Carvalheira faz notar á Assembleia a satisfação que lhe causa, o enthusiasmo com que todo o paiz tem secundado os esforços da Commissão Executiva na celebração do centenario de Herculano e a fórma brilhante como tem echoado no paiz, desde os centros mais populosos ás mais humildes terras, a voz levantada para essa commemoração centenaria. Uma crença sem fanatismo e um patriotismo sem demagogia tem brotado em toda a parte aureolando esse santo laico cuja obra resiste a toda a critica. Congratula-se pois com o brilhantismo dessas manifestações que tem tornado Herculano num verdadeiro vulto nacional.

Nesta altura tendo-se retirado, por inadiavel urgencia, o sr. Carvalheira que presidia á sessão, tomou o signatario desta a presidencia, conforme prevê o estatuto.

Seguidamente o sr. Julio Augusto Ferreira, lembra á Assembleia a necessidade de envidarmos os nossos esforços, para que se não leve a effeito a projectada demolição do Arco de Santo André e para, no caso de tal se não conseguir, se obter a lapida embebida nelle para o nosso museu. A assembleia resolveu que se oficiase á Camara Municipal neste sentido e tendo vindo a pêlo falar-se na nova nomeação do nosso consocio sr. Soares para architecto da Camara, o que é mais uma garantia de exito para as nossas pretenções junto do Municipio, foi lançado na acta um voto de congratulação por esse motivo.

Passa-se depois á votação dos quatro novos socios e fazendo-se ella por votação nominal, por esferas foram aprovados por unanimidade socios effectivos desta Associação os srs. Ferreira Braga, Henrique de Campos Ferreira Lima e M.^{or} José Augusto Ferreira e socio correspondente o sr. Robert A. Schöre, tendo cada um 14 votos.

Depois desta eleição o sr. Santos Ferreira iniciou a leitura da sua interessantissima communicação sobre a interpretação dos *motos* que se encontram nas capellas imperfeitas da Batalha, e finda ella que foi ouvida com aplausos de toda a assembleia, deliberou esta se publicasse no boletim este trabalho do nosso illustre consocio. O sr. Santos Ferreira fala ainda da existencia, no museu do Cenaculo, em Evora, de uma lapide romana, de cuja

inscripção se deprehende um facto muito curioso, mas que dizem ser apocriфа, declarando sua Ex.^a não comprehender como esse objecto sobre o qual pesa essa accusação esteja exposto ao lado de verdadeiros documentos archeologicos, sem ter ao menos a indicação de uma duvida, sobre a sua autenticidade. A assembleia concordando, em absoluto, com as palavras do sr. Santos Ferreira, resolveu que se communicasse á secção de archeologia tal facto, a fim della dar o seu parecer sobre a autenticidade daquella inscripção lapidar.

Seguidamente o sr. Julio Augusto Ferreira faz diferentes considerações ácerca da demora havida na factura do diploma e da medalha associativa, facto este que está prejudicando os interesses da associação, lamentando ao mesmo tempo que, como Bibliothecario, não faça parte da direcção; onde muitotinha de instar pelos meios de conseguir alguns melhoramentos nos serviços a seu cargo, taes como a acquisição de estantes, alargamento da Bibliotheca e outros muitos assumptos.

Ainda depois o sr. Mena Junior propõe, e é aprovado se conserve franco ao publico o nosso museu, no dia 24 do corrente, em que se realisa a romagem a Valle de Lobos, e se peça o parecer da direcção ácerca da acquisição, que foi tambem aprovada pela assembleia, de um busto de Herculano, a fim de ser colocado no Museu Social.

Não havendo mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão, ás 11 horas e 25 minutos da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

Publicações entradas na Bibliotheca da Associação dos Archeologos Portuguezes
desde 1 de Abril até 30 de Junho de 1910
que se agradecem com o devido reconhecimento

- 1 Académie des Inscriptions et Belles Lettres—Paris—Librairie Alphonse Picard et Fils—1910—Comptes rendus des Séances de l'année 1910—Buletins de Janvier, Février, Mars—22,5×14. Offerta da Academia.
- 2 American (The) Institute of Architects—Quarterly Bulletin—October, 1909—N.º 2 do vol. X illustrado e br.—24×17. Da Commissão de Trocas.
- 3 Anuario da Escola Medico-Cirurgica do Porto—Anno lectivo 1906-1907

- Porto—Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão—1907—com o retrato do fallecido professor Clemente Pinto—Anno lectivo de 1907-1908—coordenado pelo professor Thiago de Almeida—Porto—Typ. Industrial Portuguesa—1908—illustrado—Anno lectivo de 1908-1909—pelo mesmo coordenador—Porto—Typ. da Encyclopedia Portugueza Illustrada—1909 3 vols. brs.—22×15,5. Offerta da referida Escola
- 4 Annuario da Universidade de Coimbra—Anno lectivo de 1909-1910—Coimbra—Imprensa da Universidade—1910—1 vol. br.—21×13. Offerta do Sr. Director da Bibliotheca da Universidade
 - 5 Archeologia do Districto de Castello Branco—(1.^a contribuição para o seu estudo)—por F. Tavares Proença (Junior)—Leiria—Typ. Leiriense—910—1 fol. ill. e br.—23,5×15,5. Offerta com dedicatória do Auctor, nosso illustre Consocio.
 - 6 Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910—N.^{os} 12 do vol. IX e 1, 2 e 3 do vol. X 28 5×21. Offerta do Sr. Director de Bibliotheca.
 - 7 Arte—Archivo de obras d'arte—Director e gravador Marques de Abreu—6.^o anno, n.^{os} 64, 65 e 66 illustrados 35,5×25,5 Porto—Typ. Universal—1910. Offerta do sr. Marques de Abreu.
 - 8 Archivo Historico Portuguez—Lisboa, offic. typ., Calçada do Cabra—1910—N.^{os} 1 e 2, Janeiro e Fevereiro de 1910—29×20,5. Offerta do sr. A. Braamcamp Freire.
 - 9 Associação dos Artistas de Coimbra—Relatorio, contas e parecer do Conselho Fiscal, Gerencia de 1909 Coimbra—Typ. Popular—1 folh.—21×15 Offerta da Direcção.
 - 10 Bibliotheca de Adolpho Loureiro—Additamento á relação das especies bibliographicas e iconographicas relativas á Revolução Franceza e Imperio—(1788-1815)—Comprehendendo a Guerra Peninsular—Lisboa—Imprensa Nacional—1910—1 folh. br.—25×16. Offerta do Auctor, nosso illustre Presidente.
 - 11 Boletim da Liga Monarchica—Comp. e imp na Papelaria Almeida—Lisboa 1910—1.^a Serie—N.^o 1—Junho de 1910—30,5×21. Offerta da referida Liga.
 - 12 Boletim da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa—Actas e pareceres, estudos, documentos e noticias—Vol. III, fasciculo n.^o 2—Fevereiro 1910—Lisboa—Por ordem e na Typographia da Academia—1910—br. 23×15. Offerta da Academia.
 - 13 Boletim do Trabalho Industrial—Lisboa—Imprensa Nacional—1909—N.^o 29—Relatorio dos serviços da 4.^a circunscripção dos serviços technicos da Industria no anno de 1908 pelo engenheiro Francisco Gião—25×16. Offerta da Direcção do Commercio e Industria.
 - 14 Boletin de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona—Barcelona—Establecimiento tipografico de A. López Robert, impresor—1910—Tercera epoca, vol. III, n.^o 1, Enero 1910—illustrado e br.—30×23. Offerta da Academia.
 - 15 Bulletin des Commissions Royales d'Art et d'Archéologie—Bruxelles—Imp. van Langlendonck 1908—Quarente-septième Année, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10—2 vol. br.—25×15—Da Commissão de Trocas.
 - 16 Bulletin Historique du diocèse de Lyon—Imprimerie Emmanuel Vitte—Lyon—N.^o 63, 11.^e année, Mai, Juin, 1910—22,5×14. Offerta da Sociedade Gerson.
 - 17 Bulletin Mensuel de la Societé Centrale d'Architecture de Belgique—Louvain, Imprimerie J. Wouters—Ickt—N.^{os} 4, 5 e 6 Avril, Mai, Juin 1910—25×16. Offerta da Sociedade.
 - 18 Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa—Lisboa—Typographia Universal 1910—N.^{os} 1 e 2 da 28.^a serie—25,5×16. Offerta da Sociedade.
 - 19 Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal—4.^o anno, n.^{os} 4, 5 e 6. Abril, Maio e Junho de 1910—Composição e impressão, rua do Corpo Santo, 48, Lisboa—30,5×20,5. Offerta da Sociedade.
 - 20 Boletim de la Sociedad Castellhana de Excursiones—Valladolid—Typ. del Colegio Santiago—N.^{os} 87, 88 e 89—Marzo, Abril, Mayo de 1910—br. e illustrados—28×20,5. Offerta da Sociedade.

- 21 Butletti del Centre Excursionista de Lleyda—N.º 1 e3—Any III—Janer, Mars de 1910—1 folh.º—22,5×16,5. Offerta da Redacção.
- 22 Catalogo da Exposição bibliographica commemorativa do primeiro centenario do nascimento de Alexandre Herculano, da Bibliotheca Publica Municipal da Figueira da Foz—Organizado por Eloy do Amaral—Figueira Typ. Marques—1910—1 folh.º br. 22×17. Offerta da Bibliotheca, com dedicatória do sr Bibliothecario.
- 23 Collecção de manuscriptos ineditos da Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto, agora dados á estampa I=O Livro da Corte Imperial—Porto—Typ. Progresso 1010—1 vol. br.—24×16.
II—O Livro da Virtuosa Bemfeitoria do Infante Dom Pedro—Porto—Officinas do Commercio Porto—1910—1 vol. br.—23×17. Offerta da Real Bibliotheca.
- 24 Comissão Executiva do Centenario de Alexandre Herculano—Programma, itinerario e instrucções para o cortejo civico de Homenagem a Alexandre Herculano, em 28 de abril de 1910—Lisboa, comp e imp. no Centro Typographico Colonial—1910—1 folh. 22×17. Offerta da Comissão.
- 25 Commission d'études de l'aménagement de l'Agglomeration Anversoise—Concours pour l'aménagement des terrains devenant disponibles par suite du démantèlement de l'enceinte fortifiée d'Anvers—Programme—Anvers—Imp. Bellemans Frères 1 folh.—24×16. Offerta da referida Comissão.
- 26 Congrès Archéologique de France—LXXV Session tenue á Jaen en 1908, par les Sociétés Francaise d'Archeologie Caen, H. Delesques, Imp. Edit—1909—Tome 1º, guide do Congrès—Tome II, Procés verbaux et Mémoires—2 vol.º, illustrados e br.ºº—22,5×14. Offerta da referida Sociedade.
- 27 Congresso Nacional de 1910—Votos approvados por unanimidade na Sessão do encerramento—Lisboa—Typ. do Commercio—1910—1 folheto 25,5×18.
- 28 Doutor Storck (O) e a Litteratura Portugueza—Estudo historico-bibliographico por J. Leite de Vasconcellos—Lisboa—Por ordem e na Typ. da Academia Real das Sciencias—1910—1 vol. br. e illustrado—23×15. Offerta da Academia.
- 29 Exposição dirigida pelos Conselheiros João Chrysostomo de Abreu e Sousa e Joaquim Thomaz Lobo d'Avila ao Ex.ºº Sr. Marquez de Sá da Bandeira, presidente do Conselho de Ministros, em nome dos Engenheiros Civis Portuguezes—Lisboa—Typ. Franco-Portugueza—1868—1 folh.—22,5×14,5. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 30 Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do «Turismo» no paiz—(These extra P) Memoria apresentada pela Real Associação dos Archeologos Portuguezes ao Grande Congresso Nacional—Relactor Victor Ribeiro—Lisboa—Casa da Moeda—Abril 1910—1 folheto—27×19. Offerta do sr. Victor Ribeiro, nosso illustre Consocio.
- 31 Instituto (O) Revista scientifica e litteraria—Coimbra—Imprensa da Universidade—1910—N.º 1, 2, 3, 4 e 5 do vol. 57.º—24×16—Janeiro a Maio de 1910. Offerta do Instituto.
- 32 João Joaquim de Mattos—Elogio Historico pelo socio Adolpho F. de Loureiro Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes—Lisboa—Imprensa Nacional—1910—1 folheto illustrado—64,5×14. Offerta da Associação.
- 33 Litteratura d'hoje—(Por) J. D Ramalho Ortigão—Porto—Typ. do Jornal do Porto—1866—1 folheto—21,5×14,5—Com a seguinte dedicatória «Ao seu mestre o Ex.ºº Sr. Alexandre Herculano offerece respeitosa e o auctor. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 34 Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona—Barcelona—A. Robert, impressor—1910—Tercera época—N.º 12 e 13 do vol VIII—br.º e illustrados—30×23. Offerta da Real Academia.
- 35 Memoria sobre os Combates da Travanca Por Manuel José da Cunha Brandão—Vianna—Typ. André J. Pereira & F.º—1910—1 folheto br.—Exemplar n.º 7 da tiragem especial de doze em papel couché, numerados e rubricados pelo auctor Com dedicatória da Comissão Executiva da Commemoração dos Combates da Travanca 22×14. Offerta da Comissão, em nome do auctor, nosso illustre Consocio.

- 36 Oriente (O) Portuguez—Revista da Comissão Archeologica da India Portugueza—Nova Gôa—Imprensa Nacional—1910—N.º de Março e Abril—br. 24,5×16. Offerta da Comissão.
- 37 Portugal—Diccionario Historico—Obra illustrada com photogravuras—Tomos 64 e 65—João Romano Torres & C.ª editores—Lisboa—1909—28×18,5. Por assignatura.
- 38 Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos—Organo del Cuerpo Facultativo del Ramo—Tercera época—Año XIV, Marzo, Abril 1910—N.º 3 y 4—1 vol. illustrado e br.—25×17. Offerta do mencionado Corpo Facultativo.
- 39 Revista de la Asociacion Artístico—Arqueológica Barcelonesa—Barcelona—Establecimiento Tipográfico de Jaime Vives—1910—N.º 61—Año XIV, (Enero, Abril de 1920)—25,5×17. Offerta da Associação.
- 40 Revista de Guimarães—Publicação da Sociedade Martins Sarmento—Vol. XXVI—N.º 3, Julho de 1909—Porto—Typ. de A. J. da Silva Teixeira Succ.ª—1909—1 folheto—22,5×15. Offerta da Sociedade.
- 41 Revista de Obras Publicas e Minas—Publicação mensal da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes—Lisboa—Imprensa Nacional—1909—N.º 478 a 480 correspondentes a Outubro, Novembro e Dezembro de 1909, num vol. br. 23×14,5. Offerta da referida Associação.
- 42 Serviço de emigração e recrutamento de operarios, serviços e trabalhadores para a Provincia de S. Thomé e Príncipe Lisboa—Imprensa Nacional—1909—1 folh. br.—23×14. Offerta da Direcção Geral do Ultramar.

43 — Secção de Bibliographia e Catalogos

Nova secção de Catalogos das Bibliothecas e Livrarias portuguesas, em organização na Bibliotheca do Carmo.

- 43 *Catalogo da Real Bibliotheca Publica do Porto*—Obras impressas—Supplemento Geral contendo as acquisições posteriores á sua fundação—Parte I: Obras compradas e offertadas—(Com uma Taboa synoptico-analytica annexa)—Porto—Typ. de Manuel José Pereira 1 fasc., 176 pags., 175×106 1868.
- Fasc. II—Adições em 1869, 1870, 1871—(Com um appendice e Taboa id.) Porto—Typ. de Manoel José Pereira—1 fasc., 179—236 pags.—1872.
- Fasc. III—Adições desde 1872 até 1877 incl.—(Com quatro accrescimos e Taboa, id.)—Porto Typ. de Manuel José Pereira—1 fasc., de 239—362 pags.—1878.
- Fasc. IV—Adições desde 1877 até 1883, incl.—(Com tres additamentos, Taboa, id.; Indicé final do 1.º volume do supplemento geral e Lista das publicações da Bibliotheca)—Porto—Typ. de Manuel José Pereira—1 fasc., 363 552 pags.—1884.
- Vol II—Fasc. V, segundo a ordem de publicação—Redigido por José Pedro de Lima Calheiros—Porto—Imprensa Civilisação—1 fasc., 189 pags. e 5 innum, 176 108—1889.
- Vol. III, part. II, fasc. VII, segundo a ordem de publicação—(Com um suppl. de Henriquinos e um additamento)—1 tom., 350 pags.—176×108—1897.
- Vol IV, part. 1.ª, obras estrangeiras—fasc. VIII, segundo a ordem de publicação—Redigido por João d'Almeida Allen—Porto—Imp. Civilisação—1 fasc., 49 pags. e 1 de additamento e errata—176×108 1898.
- Supplemento geral dos Catalogos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Obras impressas—Vol. III, part. I, fasc. VI, segundo a ordem de publicação—Redigido por João d'Almeida Allen—Porto—Imp. Civilisação—1 fasc., 54 pags. e 1 com á ultima hora e outra de Errata—177×108—1893.
- Taboa geral methodico—Alphabetica das obras enumeradas nas taboas analyticas dos 4 fasciculos que compõem o vol. I do supplemento geral—(Acquisições desde 1841 a 1883) aos catalogos de todas as classes da mesma Bibliotheca—Redigido pelo official guarda-sala Bento Vieira Ferraz de Araujo—Porto—Typ. de Manuel José Pereira—1 fasc., IV, 91 pags.—177×111—1884

Catalogo da Bibliotheca Municipal do Porto—*Manuscriptos*—Indice preparatorio do Catalogo dos Manuscriptos, com reportorio alphabetico dos auctores, assumptos e principaes topicos nelles contidos—Fasc. I: Mss. membranaceos—(Auctor: Eduardo Augusto Allen)—Porto—Typ. de Manuel José Pereira—1 ops., 99 pas., 172×90, 1880—(O fasciculo II não veiu por estar esgotado).

—Fasc. III—Mss nobiliarios—Com supplemento aos fascs. I e II e addenda et corrigenda aos mesmos fascs—(Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 ops., 174 pags.—170×90—1888.

—Fasc. IV—Mss historicos—Parte I, com emendas ao fasc. III da Camoneana e ao cat. de Mathematica. (Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 ops., 65 pags. 170×90—1892.

—Fasc. IV—Mss. historicos—Parte II e III, com um additamento á parte I do fasc. IV, mais dois á II e III parte do mesmo fasc., outro ao fasc. II e addenda et corrigenda ao fasc. III—(Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 ops pag. 75—174—170×90—1893.

—Fasc. V—Manuscriptos militares, com um additamento—(Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 ops. 27 pags.—170×90—1893.

—Fasc. VI—Litteratura. com um additamento á parte II do fasc. IV e outro ao fasc. V—(Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 ops., 75 pags.—170×90—1893.

Fasc. VII a X., 7.º fasc.—Monasticos e religiosos; 8.º, Juridicos; 9.º Philosophia; 10.º, Scientificos e Industriaes. E mais, Variedades, Polygraphia e Bibliographia—Com um appenso registando a colleção manuscripta de Estatutos ou Compromissos de diversos officios ou misteres e de Irmandades ou Confrarias, e ainda outro ao mesmo fasc. X—(Mesmo auctor)—Porto—Imp. Civilisação—1 só ops. 82+19+16+36 pags.—175×90—1896.

Camoneana—Catalogo da Camoneana da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, ordenado por um dos officiaes guarda-salas da mesma Bibliotheca (Ricardo Pinto de Mattos)—Porto—Typ. de Manuel José Pereira—1 op., 69 pags., 178×111—1880.

Supplemento ao Catalogo da Camoneana da Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Porto—Typ. de Manuel José Pereira—1 op., pags 75—96—1883.

Segundo supplemento ao catalogo da Camoneana ou fasc. III da mesma Camoneana—Porto Imp. Civilisação—1 op. 29 pags. (1 de advertencia e outra de errata)—173×107—1891.

Catalogo da Camoneana da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, contendo os tres fasciculos da 1.ª ed, com importantes accrescimos, por José Pedro de Lima Calheiros—Porto—Imp. Civilisação—tomo I, 212 pags., (incluindo 4 de additamentos)—176×108—2 ed.—1897.

Camilliana—Catalogo das obras de Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho)—coordenado por José Pedro Lima Calheiros—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 15 pags—1889.

—Additamento e continuação das obras de Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho)—coordenado por José Pedro de Lima Calheiros—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 21 pags. e 1 de N. B—176×104—1890.

Varios assumptos—Catalogo de Philosophia da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, dividido em duas partes, contendo a 1.ª a Historia da Philosophia, a 2.ª a Philosophia, com indices alphabeticos dos nomes dos auctores, traductores e commentadores, e das designações alatinadas dos logares de impressão e sua traducção nos nomes por que modernamente são conhecidos—Redactor: Bento Vieira Ferraz de Araujo—Porto—Imp. Commercial—1 op., II—109 pags. e 7 innum.—176×107—1880.

Catalogo de Mathematica da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, dividido em duas partes, contendo a 1.ª a Mathematica, a 2.ª as Sciencias practicas derivadas directamente da Mathematica—Redactor: Bento Vieira Ferraz de Araujo—Porto—Imp. Commercial—1 op., 114 pags. e 4 innum.—176×107—1885.

Appenso A ao Fasc. V do supplemento geral do catalogo da Bibliotheca

Publica Municipal do Porto—Assumptos militares (De re militari)—Compilado por Arthur Humberto da Silva Carvalho—Com uma lista das «verbas-mães», um Índice dos nomes dos auctores, um additamento e um á ultima hora—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 78 pags.—176×107—1890.
 Appenso B—Marinha e Ultramar—Compilado pelo mesmo auctor—Com uma addenda, um indice methodico por materias, um indice alphabetico dos auctores, um indice Regional do Ultramar Portuguez e emendas—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 109 pags.—176×107—1891.
 Appenso C—Theses e dissertações medico-cirurgicas—Compilado por Antonio Augusto Pinto de Azevedo—Com um indice por materias e um indice por auctores—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 92 pags.—176×107—1890.

Catalogo de geographia da Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Abrangendo tanto as obras do fundo primitivo como as acquisições modernas—por João d'Almeida Allen—Com um appendice, Índice por materias. Repertorio alphabetico e á ultima hora—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 184 pags.—176×107—1895.

Catalogo das obras do XV seculo pertencentes á Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Coordenado segundo a ordem alphabetica e seguido de algumas notas bibliographicas pelo amanuense Arthur Humberto da Silva Carvalho—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 92 pags. e á de erratas—179×98 1897. (1 exemplar em papel vulgar e 1 em em papel especial).

Incunabulos da Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto—por Arthur Humberto da Silva Carvalho—Com 17 reproducções no texto em fac-simile—Nova edição. (Fez-se uma tiragem numerada de 20 exemplares em papel especial)—Com ex-libris da Bibliotheca—Porto—Imp. Portugueza—1 op., 142 pags. 194×114—1904.

Regulamento para a leitura nocturna da Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 15 pags.—162 83—1884.

O «Tirant lo Blanch» pertencente á Bibliotheca Publica Municipal do Porto—Documentos officiaes, debates parlamentares e artigos dos jornaes em 1860 e 1861—Porto—Imp. Civilisação—1 op., 30 pags. e 1 de indice—175×98—1898—Reeditado na 2.ª Edição «Dos Incunabulos».

Índice compendioso da grande obra monumental «Historia e actas do Concilio ecumenico do Vaticano (1869 1870)»—por Mr. Victor Trond—em 8 vol. fol. grande—(Publicação particular realisada sobre o ex. da Bibliotheca por um funcionario da mesma (E. A. de Allen)—Porto—Imp. Civilisação—1 op.—176×102—1889.

Catalogo (da) Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto, contendo entre outras obras, as acquisições feitas desde 1898 a 1908—Nova serie—Tomo I—Porto—Imp. Portuguesa—1909—1 vol. br.—21,5×16. Offerta da Bibliotheca Publica Municipal do Porto.

Catalogo alphabetico das obras duplicadas e disponiveis existentes na Real Bibliotheca Publica do Porto—A cuja venda em hasta publica se procederá, por deliberação da Ex.^{ma} Camara Municipal, devidamente auctorizada pelo governo de Sua Magestade—2.ª edição—Contendo as obras que não foram vendidas no primeiro leilão—Porto—Typographia Commercial—1866—1 vol. br.—23×16. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Con socio.

Jornaes

Primeiro de Janeiro—Nação—Tripeiro (O).

Lisboa, Museu do Carmo, 30 de Junho de 1910.

JULIO AUGUSTO FERREIRA

Bibliothecario